

DESESPERADAMENTE

BÁRBARA SHÊNIA

Copyright © 2016 by Bárbara Shênia

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora,
poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer
outros.

Capítulo 1

“A felicidade é como a pluma que o vento vai levando pelo ar. Voa tão leve, mas tem a vida breve, precisa que haja vento sem parar... Tristeza não tem fim, felicidade sim.”

A felicidade – Tom Jobim e Vinicius de Moraes



“Ai, meu Deus!”

Olho mais uma vez para o pequeno bastão de plástico em minhas mãos e confiro as informações da caixa de novo:

Aparecendo uma linha, o resultado é negativo. Aparecendo duas linhas, o resultado é positivo.

Mal posso conter a minha alegria. Volto para o meu *box* na empresa onde trabalho e ligo imediatamente para o Breno:

- Querido, eu estou grávida!

- O quê? – ele pergunta surpreso.

- Estou grávida! Acabei de fazer o teste e deu positivo!

- Que bom, Giulia! Eu já estava quase desistindo. Já faz tanto tempo que você parou de tomar o remédio.

- Eu sei! Não é maravilhoso? Agora nós vamos ter que adiantar o casamento. Eu não posso me casar com uma barriga enorme. Nós nos encontramos no almoço e conversamos melhor, ok?

- Giulia, eu não sei se eu vou conseguir sair para almoçar hoje, querida.

- Breno, você ouviu o que eu acabei de dizer? Eu estou grávida e nós precisamos conversar sobre o casamento. Dê um jeito! Eu não vou voltar para casa no horário de sempre. Hoje é a noite das meninas e eu preciso contar a novidade para elas.

- Está bem... Eu vou ver o que consigo fazer. Eu te ligo mais tarde para avisar o horário. Agora eu preciso ir. Eu te amo.

- Eu também!

Ligo em seguida para o meu ginecologista e marco uma consulta para o início da semana que vem.

Minha vida não poderia ser melhor. Breno e eu nos conhecemos no primeiro ano do Ensino Médio. Eu mudei de escola e ele foi o primeiro a falar comigo quando todos ainda desconfiavam da aluna nova. Nós nos tornamos amigos, mas ele sempre dava indiretas de que queria que nós

tivéssemos algo mais que amizade. Em uma festa na casa de um amigo de turma, no final desse mesmo ano, ele me tirou para dançar e me deu o meu primeiro beijo.

Nós perdemos a virgindade juntos no dia da nossa festa de formatura e foi simplesmente perfeito. Eu havia conversado antes com meus pais, minha mãe me levou ao médico e eu comecei a tomar uma pílula anticoncepcional, três meses antes do grande dia. Breno me levou, depois da festa, para a casa dele e nesse dia eu descobri que eu queria passar o resto da minha vida com ele.

Ele havia retirado todos os quadros horrorosos de bandas de rock que ele tinha no quarto, havia velas em todos os cantos e em cima da cama havia uma única rosa branca. Com aquela mesma rosa ele me fez ter o meu primeiro orgasmo.

Enquanto minhas amigas da escola tiveram inúmeros problemas com traições e acabaram terminando seus namoros quando entraram na faculdade, Breno e eu ficávamos cada vez mais unidos. É claro que nós tínhamos os nossos novos amigos e não passávamos mais o tempo todo juntos, mas nós não brigamos uma única vez durante todos os anos de faculdade. Ele resolveu estudar Engenharia e eu Publicidade. Assim que eu terminei minha pesquisa de Iniciação Científica, fui convidada para trabalhar na *Lark-RJ*, a filial do Rio de Janeiro da melhor empresa de Publicidade do Brasil.

Meu emprego é o melhor que eu poderia ter. Eu recebo um salário decente, consigo poupar grande parte dele para o futuro e simplesmente amo o que faço. No momento estou concorrendo à vaga de gerente da minha unidade, que fica no Centro do Rio.

Na faculdade, eu conheci minhas verdadeiras amigas, tanto que até hoje continuamos nos encontrando. Somos cinco mulheres, cada uma bem diferente da outra, mas eu acho que por isso que nossa amizade é tão boa, pois nós nos completamos.

Eu entrei na faculdade no mesmo semestre que a Lívia e ainda no trote nós conhecemos a Alice e Clara. Por mais que todas nós sejamos muito próximas e saibamos tudo da vida umas das outras, Alice e Clara são inseparáveis e morreriam uma pela outra. O mesmo acontece com Ana e Lívia. Eu sempre fiquei no meio delas. Acho que nenhuma delas se tornou absurdamente importante para mim porque eu sempre tive o Breno e ele sempre será o meu melhor amigo.

Na hora do almoço saio para encontrar meu namorado no restaurante onde ele me disse que estaria em uma mensagem de texto. Quando eu chego, ele já está lá. Breno se levanta, me dá um beijo, um abraço apertado e puxa a cadeira para eu me sentar.

- Eu sinto muito, querida, mas eu não vou poder demorar. Já pedi a comida, espero que você não se importe.

- Tudo bem.

- Mas me conta tudo? O que você já sabe sobre o bebê?

- Nada. Só que estou grávida, mas já marquei uma consulta com meu médico na semana que vem e você vem comigo.

- Mas Giulia... Eu tenho que ver na empresa... não é assim.
- Breno, esse filho também é seu e você tem que participar.
- Eu sei, eu quero muito ir, mas as coisas estão complicadas no meu setor.
- Tenho certeza que você vai dar um jeito.
- É... eu sempre dou – ele diz com um pouco de tristeza, mas eu finjo não notar.
- Isso. Então, eu pensei que se a gravidez estiver realmente no início, nós podemos nos casar daqui a três meses. Vai ser um pouco corrido, mas as meninas com certeza vão me ajudar e eu acho que dá tempo.
- Ótimo!
- Você quer alguma coisa específica ou eu posso resolver tudo?
- Ainda que eu quisesse, Giulia... Desde quando você deixa de fazer o que você quer?
- E é exatamente por isso que eu te amo! – faço carinho na mão dele.

O Breno sempre fez tudo o que eu quis, sem nunca nem questionar as minhas vontades, mesmo quando o que eu queria ia de encontro aos desejos dele.

- Eu também te amo. Tem mais algum assunto que seja de extrema importância que precise ser discutido agora?
- Não.
- Está bem. Não se esqueça de acrescentar na minha agenda o dia e o horário da nossa consulta com seu médico.
- E quando foi que eu esqueci? – pergunto sorrindo.
- Nunca... e é por isso que eu te amo! – ele diz e beija a palma da minha mão.

Nós temos um almoço agradável, porém muito corrido. Quando nos despedimos, ele pergunta:

- Você vai demorar no encontro com as suas amigas hoje?
- De forma alguma. Agora eu tenho que tomar conta do nosso bebezinho também.
- Eu vou jantar na minha mãe e te espero em casa.
- Ótimo!

Nós nos beijamos e cada um segue de volta para o seu trabalho.

Passo o resto da tarde pesquisando os lugares que selecionei para me casar no caderninho que tenho desde os quinze anos e nunca saiu de dentro da minha bolsa. Nele, eu tenho todo o planejamento dos melhores momentos que estão por vir na minha vida: casamento, lua de mel, maternidade, entre tantos outros, até chegar às viagens de aposentadoria.

Eu sempre tive mania de organização, sempre fui muito perfeccionista e o bom de estar com o Breno é que ele sempre me deixou fazer as coisas do meu jeito e no meu tempo para que elas saíssem perfeitas. Eu organizo a minha vida e a dele com calendários e agendas variadas para cada tipo de compromisso. Às vezes, ele diz que eu exagero, mas quem não quer ser perfeito? E eu sou!

No fim do expediente, eu pego meu carro e vou encontrar as meninas. Estaciono próximo ao bar de sempre e no caminho encontro a Alice.

- Você está atrasada? – ela me pergunta assustada.

- Pois é... Quem diria? – digo rindo. – Acabei perdendo a hora fazendo pesquisas sobre o meu casamento.

- Casamento? Vocês finalmente decidiram casar?

- Sim! Eu estou grávida!

- Mentira?

- Verdade!

Ela me abraça e começa a gritar de felicidade.

- Que maravilha, Giulia! Estou muito feliz por vocês! O Breno já sabe?

- Sim, mas ainda não sabemos muita coisa sobre a gravidez. Eu só vou ao médico na semana que vem.

- Vamos logo! Temos que contar isso para as meninas!

Infelizmente o que era para ser um momento de alegria para todas nós é arruinado porque a Clara fica triste, menciona o nome do ex-namorado e a Livia começa uma briga por isso. Clara vai embora revoltada e Alice vai atrás dela, me deixando com a Ana e com a Livia no bar.

- Livia, por que você fez isso? Você sabe o quanto ela sofre por causa do Eric – digo.

- Chega! Isso não é possível! Já passou da hora de ela superar esse canalha! Eu não aguento mais tanta choradeira.

- Calma, Livia – diz Ana. – Eu concordo com você, mas precisava falar daquele jeito? E por que você odeia o Eric tanto assim?

- Você sabe quantas vezes ele traiu a Clara? Com quantas pessoas, inclusive que nós conhecemos?

- Eu imagino – digo.

- Pois eu sei muito bem do que ele é capaz! – ela continua furiosa. – E basta! Eu não quero mais falar sobre esse idiota.

- Conta, Giulia – diz Ana. – Conta tudo que você planejou para o bebê e para o casamento.

Conto para elas que as coisas ainda não estão muito acertadas, pois eu ainda não tenho muitas informações. O clima não melhora muito e pouco mais de uma hora depois, nós nos despedimos e vamos embora.

Como chego em casa muito mais cedo do que o esperado e o Breno ainda não voltou, começo a preparar minhas coisas para o dia seguinte. Separo a roupa e os sapatos que vou usar. Verifico no meu planejamento o que vou preparar para o jantar de amanhã, verifico se tenho tudo que preciso e deixo o que posso adiantado. Coloco as roupas para lavar na máquina, tomo um banho e me sento no sofá para ler uma revista.

Eu amo o meu apartamento! Ele tem dois quartos, uma cozinha grande, sala aconchegante, área de serviço e até uma varanda. Eu o comprei assim que comecei a trabalhar e Breno e eu viemos morar juntos. Nós combinamos que eu pagaria pelo parcelamento do imóvel enquanto ele arcaria com as despesas mensais da casa. Resolvemos morar na Tijuca para ficar perto de nossas famílias, já que nós nascemos e fomos criados aqui.

Quando Breno chega da casa da mãe dele, eu conto para ele o que aconteceu no encontro com as meninas.

- Mentira? – ele pergunta rindo.

- Juro!

- A Clara realmente precisa de ajuda.

- Agora, querido, hora de você ir tomar banho. Espero você na cama para nós comemorarmos a vinda do nosso bebê. Já deixei suas coisas no banheiro.

Ele se levanta, me dá um beijinho nos lábios e sai da sala. Eu continuo com a minha revista por mais alguns minutos e depois vou para cama.

Nós sempre seguimos o mesmo ritual quando fazemos amor. Primeiro nós fazemos sexo oral um no outro até eu alcançar o clímax e depois continuamos com a penetração. Começamos sempre de lado e quando o Breno está prestes a ejacular, ele monta sobre mim.

Até hoje, mesmo depois de tantos anos, eu ainda não consegui ter um orgasmo com penetração, mas eu sei que muitas mulheres são assim e o Breno já não se incomoda mais com isso.

Na semana seguinte meu namorado e eu vamos ao médico e descobrimos um pouco mais sobre a gravidez. Ela está bem no comecinho, não tem nem um mês ainda e eu decido só saber o sexo do bebê quando chegar a hora.

- Mas como nós vamos arrumar o quarto sem saber o sexo, Giulia? – Breno me pergunta.

- Vai ser amarelo. Serve tanto para menino quanto para menina.

- Mas eu odeio amarelo!

- E justamente por isso que o nosso quarto não é dessa cor.

- Mas, querida...

- Está decidido... Vai ser amarelo e pronto – Breno bufa e eu dirijo-me ao médico. – Então, doutor, quais são as precauções que devemos tomar agora?

Ele nos explica tudo direitinho e eu saio do consultório com uma lista de suplementos para serem comprados.

Breno e eu nos despedimos no estacionamento e eu vou para o meu trabalho. Assim que eu chego ao escritório, vou direto para uma reunião com os candidatos à vaga de gerente e nosso chefe nos dá o próximo projeto que teremos que desenvolver individualmente para essa fase da competição: divulgação de uma revista para mulheres. Ele diz que a apresentação será em três meses e que nós podemos usar todos os recursos da empresa que precisarmos.

Assim que somos dispensados, eu volto para o meu *box* e começo a anotar minhas ideias iniciais em um caderno novo. Minha gaveta é cheia de cadernos em branco e para cada projeto eu uso um novo. Parece loucura, mas eu não sei fazer de outra forma.

As semanas passam corridas e eu me divido em arrumar aos poucos o quarto do bebê, desenvolver o projeto da empresa e tomar conta da casa e do Breno. Só percebo que já estamos no fim de mais um mês, quando recebo uma mensagem da Clara antes de sair para o trabalho.

Meninas, não vou ao nosso encontro de hoje, pois preciso terminar de arrumar as coisas para a minha viagem. Espero que vocês se divirtam! Mandarei notícias por e-mail. Um beijo!

Eu soube pela Alice que a Clara quase desistiu da viagem, mas depois reanimou e resolveu finalmente ir. Alice só não contou o porquê de ela ter desistido e, com tanta coisa na minha cabeça, eu acabei esquecendo-me de perguntar.

Assim que chego ao trabalho, minha colega e vizinha de *box* diz que atendeu ao telefone da minha mesa e que deixou um recado embaixo do telefone.

Verifico e vejo que foi Alice quem ligou e pediu para que eu retornasse com urgência.

Depois de preparar um chá e voltar para minha mesa, eu ligo para ela:

- Oi, Alice! Está tudo bem?

- Giulia, querida! Sim! Tudo ótimo e você?

- Bem... Enjoada de tanto chá, mas bem.

- Chá? Mas você odeia chá!

- Exatamente! Mas o médico pediu que eu evitasse tomar café por causa do bebê.

- Ah sim... Sacrifícios da maternidade – ela diz rindo. – Olha só, eu já falei com a Ana e com a Livia e elas concordaram. Você recebeu a mensagem da Clara dizendo que não vai ao nosso encontro?

- Recebi.

- Então, decidimos fazer o encontro lá na casa dela e levar alguns presentes para a viagem. O que você acha?

- Acho incrível! O que eu tenho que levar?

- Pois é... Essa é a parte complicada... Combinei com as meninas de nos encontrarmos no Leblon na hora do almoço. Aí, nós almoçamos juntas e passamos no *shopping* para comprar os presentes.

- Mas eu trabalho no Centro, Alice. Como você quer que eu apareça no Leblon no meio do dia?

- Faça um esforço, Giulia! As meninas não trabalham mais aí, eu nunca trabalhei e nem por isso nós paramos de fazer nossos encontros perto do seu trabalho. E além do mais, você não vai querer comprar sozinha o que eu tenho em mente.

- Está bem. Eu vou. Me passa o endereço do restaurante por mensagem, mas, pelo amor de Deus, perto do metrô. Se eu for de carro, eu nunca mais vou conseguir voltar e eu não posso andar muito por causa do bebê.

- Certo. Vou te passar agora. Nos vemos mais tarde. Beijo!

No horário combinado, saio para encontrar minhas amigas. Pelo menos hoje não está quente feito o inferno. Por mais que estejamos quase no inverno, aqui no Rio de Janeiro nunca faz frio o suficiente.

Nós temos um almoço gostoso, mas rápido, pois eu tenho que voltar ao trabalho. Enquanto comemos, decidimos o que vamos comprar para a Clara.

- Bem – diz Alice –, eu pensei que nós poderíamos dividir o valor de todos os presentes, assim todo mundo pode dar um pouquinho de tudo. Eu escolhi um vibrador incrível pela Internet, mas quero que vocês deem uma olhada antes. Ana o que você gostaria de acrescentar?

- Acho que seria legal se nós comprássemos umas *lingeries* também... Não sei... Uns conjuntinhos bem *sexy*. O que você acha, Livia?

- Já que nós vamos dar o que nós gostamos de usar, que tal velas eróticas?

- Aquelas que queimam as pessoas? – pergunto horrorizada.

- Menos, Giulia! – diz Livia. – Não é desse jeito que você está falando.

- É claro que é! Como é que você pode gostar de sentir dor desse jeito?

- Pelo menos eu gosto de alguma coisa – ela responde.

- Como assim? Você está insinuando que eu não gosto de nada?

- Eu não estou insinuando. Eu estou dizendo exatamente isso!

- Isso não é verdade, Livia – diz Ana. – Ela gosta de itens de limpeza e papelaria.

Todas elas caem na gargalhada.

- Isso não tem a menor graça! – digo. – E por acaso é pecado ser limpa e organizada?

- Não, mas tudo tem limite – diz Ana.

- E onde estava o seu limite quando você se envolveu com um homem casado?

As meninas ficam em silêncio e eu continuo:

- Desculpe, Ana.

- Não tem problema. Ele era realmente casado.

- Mas você não sabia. Não é sua culpa.

- Eu sei.

- Bom, já chega disso – diz Alice. – Vamos continuar com o que viemos fazer aqui. Livia, acho que a Clara não vai gostar muito das velas. Não faz o estilo dela. Já as *lingeries* são uma ótima ideia. Podemos comprar até mais de um conjunto. Giulia, o que você gostaria de acrescentar?

- É... não sei – penso por alguns segundos –... Camisinhas?

Minhas amigas riem de novo.

- Até que não é má ideia. Podemos comprar de vários tipos diferentes – diz Ana.

- Combinado, então! – diz Alice. – Vamos terminar de comer e ir logo para o *shopping*.

Pouco tempo depois, saímos do restaurante e vamos comprar os presentes da Clara. A loja de *lingeries* não me incomoda, mas quando entramos no *sex shop*, tenho vontade de sair correndo e me esconder. Puxo a Alice para um canto e pergunto:

- O que nós vamos fazer se alguém que nós conhecemos entrar aqui?

- Não entendi... Como assim?

- Onde nós vamos nos esconder?

Ela ri até chorar.

- Qual é a graça? – pergunto.

- Nós não vamos nos esconder, Giulia. Não há nada de errado em estarmos aqui. Aproveita e vê se você encontra alguma coisa que te agrade para usar com o Breno.

- Deus me livre! Estou esperando vocês lá fora.

Saio da loja e me sento no primeiro banquinho que encontro.

“Eu gosto de sexo!”

É claro que sim. Minha vida sexual é muito satisfatória, na medida do possível, e eu não tenho do que reclamar. Nem o Breno. Na verdade, às vezes ele fica me dando instruções enquanto eu faço sexo oral nele, mas assim que eu começo a reclamar, ele para e nós continuamos sem brigar.

Fico pensando por alguns minutos na vida das minhas amigas e na minha: Ana passou todo o período da faculdade se esfregando em todo mundo, mas sem fazer sexo com ninguém. Quando ela resolveu fazer, escolheu mal... Perdeu a virgindade com o filho do chefe dela, que era inclusive casado na época, e ele nem sabia que ela era virgem. Mas, mesmo assim, ela sempre contava animada suas aventuras pelo escritório, elevadores, escadas e tantos outros lugares onde eles se encontravam na hora do almoço para transar.

Lívia sempre fez e falou o que quis até conhecer o Cadu. Ela continua falando tudo o que quer, mas não para ele. Eu não entendo muito bem a relação deles, mas eu sei que ele bate nela e que ela gosta. No início, ele escolhia as roupas dela e até o que ela comia. Agora é ela quem manda na vida dele e não mais o inverso, mas é claro que ele ainda não está ciente disso.

A Clara, coitada, se apaixonou pelo Eric, o maior babaca do planeta, e deixou de ser a mulher forte, independente e confiante que eu conheci. Não faço ideia de como ela vai continuar vivendo dessa forma. Desde que ele terminou com ela pela última vez para ficar com uma piranha qualquer, ela vive choramingando pelos cantos com aquela cara de tristeza.

E a Alice continua do mesmo jeito de sempre: fazendo sexo com todo mundo e enrolando o pobre do Marcos que é louco para casar com ela.

“Eu trocaria minha vida pela delas?”

Não... Minha vida é perfeita! Eu tenho o namorado, quase marido, perfeito, o trabalho perfeito e agora um bebezinho que também vai ser perfeito!

Eu demorei um pouco para engravidar. Parei de tomar minhas pílulas há quase um ano e a cada mês que a minha menstruação vinha, era uma decepção. O Breno sempre quis ter um bebê e quando ele foi promovido no ano passado, resolvemos tentar.

Sou retirada dos meus pensamentos com a Ana me sacudindo e gritando:

- Giulia! Eu já te chamei cinco vezes! Nós vamos pagar. Tem certeza que não vai querer nada?

- Tenho.

Poucos minutos depois as meninas saem da loja, nós nos despedimos e cada uma volta para os seus afazeres. Assim que chego ao escritório, vou ao banheiro escovar os dentes e encontro dentro da minha bolsa um tubinho vermelho que diz:

Gel lubrificante esquentar-esfria

“Não acredito que elas fizeram isso!”

Jogo o tubinho na bolsa de novo e assim que volto para minha mesa, mando uma mensagem para todas elas.

Quem foi a palhaça que fez isso?

É claro que nenhuma delas me responde, mas eu vou descobrir no nosso encontro mais tarde.

Passo o resto do dia no trabalho desenvolvendo o novo projeto. Quando chega o meu horário, me despeço das minhas colegas e vou para o apartamento da Clara, conforme o combinado, mas nós só conseguimos entrar quase uma hora depois esperando a Ana e a Lívia chegarem.

- Mas por que tanta demora?

Ana levanta uma sacola.

- Se é uma despedida, nós temos que comemorar. Sabe Deus o que a Clara vai ter lá em cima – ela diz.

Alice me passa as bolsas com os presentes e tira da sacola da Ana três garrafas de vinho. Eu divido as bolsas dos presentes com as outras meninas e nós subimos para a casa da Clara, que fica surpresa e feliz ao nos ver lá.

Nossa noite é superdivertida e a Clara adora os presentes que nós compramos para ela. As meninas bebem como se não houvesse amanhã e eu tenho que ficar só olhando por causa do bebê. Eu sou a primeira a ir embora, mais tarde do que o normal, mas quando eu chego em casa, Breno ainda não está lá. Pego meu celular para mandar uma mensagem para ele e vejo que ele já havia me mandado uma dizendo que um velho amigo apareceu na casa da mãe dele, mas que ele já está voltando.

Começo a esquentar o jantar, que eu sempre deixo pronto no dia anterior na semana do encontro com as meninas, mas sou interrompida pelo Breno me agarrando e beijando meu pescoço.

- Boa noite, querido!

- Oi, amor. Deixa isso aí – ele diz, me vira de frente para ele e me dá um beijo de tirar o fôlego.

- Você bebeu?

- Sim, um pouco com o Thiago. Lembra dele?

- Lembro. Por que você não o trouxe para cá?

- Porque eu sei que você não gosta de chegar e encontrar visitas sem ter preparado nada. Vem, vamos para a cama – ele sai me puxando.

- Breno! Eu nem tomei banho ainda.

- Não tem problema, amor.

- É claro que tem! Mas para que tanta pressa?

- Eu estou com vontade – ele diz com aquela cara de cachorro pidão.

- Está bem. Termina de esquentar a comida enquanto eu tomo banho.

Vou para o banheiro, mas antes que eu consiga terminar, Breno entra com o tubinho que as meninas colocaram na minha bolsa nas mãos.

- O que é isso? – ele pergunta sorrindo.

- Nós fomos comprar uns presentes para a viagem da Clara e as meninas colocaram isso na minha bolsa. Dá para acreditar nelas?

Breno desliga o chuveiro e me pega no colo.

- O que você está fazendo? – pergunto.

- Levando você para a cama.

- Ah não, Breno! Eu estou molhada! Você vai molhar o quarto todo.

- Giulia, pelo amor de Deus! Será que só hoje você pode entrar no clima? Eu vou limpar tudo depois.

- Vai limpar hoje ainda?

- Vou!

Penso por alguns segundos na bagunça que ele vai fazer.

- Está bem, mas só hoje.

- Obrigado, querida.

Ele me beija enquanto me carrega no colo para o quarto. Breno me coloca na cama, deixa o tubinho ao meu lado e tira sua roupa. Ele se ajoelha entre as minhas pernas e antes que eu tenha tempo de dizer para ele não colocar o que quer que esteja dentro daquele tubinho em mim, vejo que ele já colocou. Olho de cara feia para ele e ele diz:

- Vai ser gostoso. Você vai ver.

Breno começa a lamber minha vagina e aos poucos tudo vai ficando quente, tão quente que parece que todo o meu corpo está em chamas e todas as vezes que ele respira, um jato de ar gelado passa pelo meu sexo.

“Mas o que é isso?”

Quando dou por mim, estou puxando os cabelos do Breno e praticamente me esfregando em seus lábios.

- Isso, Breno! Ai, meu Deus!

É o orgasmo mais forte que já tive em toda a minha vida.

- Foi bom? – ele pergunta assim que eu consigo voltar a respirar.

- Foi... diferente – digo envergonhada.

“Foi incrível!”

Breno fica de joelhos na cama e posiciona seu pênis perto dos meus lábios.

- Posso gozar na sua boca hoje?

- É claro que não! E não use essa palavra... Você sabe que eu não gosto.

Ele bufa, pega o tubinho novamente, coloca bastante do gel em seu indicador e o enfia em minha vagina com cuidado. Ele espalha bem o gel dentro de mim e eu sinto meu corpo ficando quente outra vez. Breno me levanta, me coloca de quatro e me penetra de uma vez só.

- O que você está fazendo? Nós não fazemos nessa posição.

- Mas eu gosto, Giulia!

- Como é que você gosta? Nós nunca fizemos.

- Todo homem gosta e é claro que eu também vou gostar. Por favor?

- Está bem, mas eu não estou confortável com isso.

Breno volta a me penetrar e simplesmente não dá ouvidos ao que eu disse. Sempre que eu digo que não estou confortável, ele para o que quer que esteja fazendo e volta a fazer o que é certo.

- Está tão gostoso, Giulia. Meu pau está pegando fogo!

- Eu não acredito que você esteja falando essas coisas.

De repente, ele coloca uma das mãos entre as minhas pernas e começa a acariciar meu clitóris. Ele usa três dedos ao mesmo tempo e eu sinto que é a mão que está com gel, pois meu corpo volta a esquentar também pelo lado de fora. Breno me puxa com força contra seu corpo, mas eu não sinto dor como achei que sentiria nessa posição. Na verdade, é até gostoso e ficou melhor ainda depois que ele começou a me tocar também.

Sinto meu ventre se contorcendo mais uma vez e eu tenho outro orgasmo. Eu nunca tive dois no mesmo dia.

- Isso, querida. Que delícia! Caralho, Giulia!

Breno também chega ao orgasmo e nós dois caímos deitados na cama. Depois de alguns minutos em silêncio, ele diz:

- Sua boceta fica – olho para ele de cara feia e ele se corrige –... sua vagina fica ainda mais apertada quando você está tendo um orgasmo. Foi incrível!

Eu fico em silêncio e ele continua:

- O que foi? Você não gostou?

- Gostei, mas você só está fazendo essas coisas porque está bêbado.

- É claro que não. Eu sempre quero fazer coisas diferentes, mas você nunca deixa.

- Bem, já chega dessa conversa. Eu vou tomar banho. E você vai limpar a bagunça que você fez. Não se esqueça de trocar o lençol, ele também está molhado.

Levanto-me, saio do quarto e vou para o banheiro.



O dia seguinte passa corrido no trabalho e eu saio mais cedo para passar no médico. Dessa vez o Breno não vai comigo. Minha consulta corre bem e está tudo certo com o bebê.

Chego em casa um pouco mais cedo do que o normal. Limpo rapidamente a casa e começo a preparar o jantar. Enquanto a comida não fica pronta, atualizo minha agenda, a do Breno e a lista de compras do supermercado. Vou tomar um banho e quando volto para sala, vejo o Breno de pé com uma sacolinha rosa nas mãos.

- O que é isso? – pergunto.

- Um presente.

Ele caminha em minha direção e me entrega a sacola. Eu me sento no sofá, abro a sacola e dentro dela tem uma caixinha retangular encapada com papel de presente também rosa. Quando eu tiro o papel, vejo dentro da caixinha umas bolinhas coloridas. Abro a caixinha e vejo que elas são gelatinosas e que o que tem cor é o líquido dentro delas. São quatro bolinhas e cada uma tem uma cor: azul, rosa, vermelha e preta.

- Bonitinho, mas para que serve?

- São bolinhas eróticas. A moça da loja falou que cada uma tem uma função. A azul deixa gelado, a rosa deixa quente, a vermelha deixa tudo mais sensível e a preta é para sexo anal.

- Como assim? Para fazer massagem?

- Não... Para colocar dentro da vagina ou do ânus no caso da preta.

Fico em silêncio olhando para a caixinha em minhas mãos.

- Você está de brincadeira, não é?

- Não. Você disse que eu só fiz aquilo ontem porque eu estava bêbado, mas aqui estou eu, sóbrio e querendo brincar de novo.

- Não seja ridículo! E além do mais eu estou grávida.

- Eu liguei para o seu médico e ele disse que não tem problema.

- Você fez o quê?

- Você não precisa ficar com vergonha. Nós estamos juntos há tanto tempo e eu vou ser seu marido em breve. Qual é o problema?

- Você está completamente fora de si!

- Pelo amor de Deus, Giulia! Todo mundo usa essas coisas, todo mundo faz sexo em mais de uma posição e todo mundo engole porra! Só você que não!

- E desde quando essas coisas são um problema para você?

- Não é um problema, querida. Eu te amo, mas nós podemos nos divertir mais.

- E quem disse que eu não me divirto?

- Está bem, Giulia! Nós não vamos usar as bolinhas.

Breno se levanta e começa a sair da sala.

- Espere! – eu grito. – Ok, mas nós vamos usar uma só e não vai ser a preta. E nem vai ser de quatro... essa posição é humilhante.

Ele volta para o sofá, me abraça e beija todo o meu rosto.

- Obrigado.

- Agora, vá tomar banho que eu vou servir o jantar em quinze minutos.

Assim que nós terminamos de comer, Breno me leva para o quarto.

- Espera um pouco. Eu preciso lavar a louça primeiro – digo.

- Eu lavo depois.

- Mas você não lava direito.

- Eu vou lavar duas vezes.

Ele me coloca deitada na cama de barriga para cima e separa as minhas pernas.

- Qual você quer usar? – Breno pergunta.

Penso no calor que senti ontem com aquele gel que esquenta.

- A rosa.

Ele sorri, tira a bolinha da caixa e se prepara para colocá-la em mim.

- Espera! Mas você não me beijou ainda.

Breno fica de joelhos e me dá um beijo firme nos lábios.

- Lá embaixo, querido – digo tímida.

- Hoje não. Tive uma ideia e vou fazer você gozar no meu pau de novo.

- Tem que usar essas palavras?

- Você não acha “vou fazer você alcançar o clímax com meu pênis em sua vagina” um pouco ridículo?

- É melhor não falar nada, então. Fique em silêncio e faça o que você quiser.

Breno empurra a bolinha aos poucos para dentro de mim e depois me beija do jeito que ele sabe que eu gosto. Quando estou prestes a ter um orgasmo, ele para, se deita atrás de mim e me penetra com cuidado. Ele se movimenta lentamente, mas coloca o pênis todo dentro de mim e eu sinto a bolinha passeando em volta dele.

- Está sentindo? – ele pergunta.

- Sim.

Ele passa a acariciar o meu mamilo.

- É bom, não é?

- É.

Sinto algo quente preenchendo meu ventre e o Breno passa a se mexer com mais força e a acariciar o meu clitóris.

- Levanta a perna, Giulia.

- O quê?

- Levanta a perna para eu poder te tocar melhor.

Faço o que ele pede e sinto o líquido quente escorrendo para fora de mim. Breno massageia o meu clitóris com ele e eu sinto todo aquele calor outra vez. Começo a me esfregar na mão dele enquanto ele me penetra ainda mais forte.

- Vai, Giulia! Goza para mim. Aperta meu pau com essa sua boceta gulosa.

Não sei o que dá em mim, mas chego ao orgasmo gritando feito uma louca. Breno também alcança seu prazer e nós ficamos abraçados durante muito tempo.

- Foi maravilhoso, querida.

Respiro fundo, sento-me na cama e digo olhando em seus olhos.

- Nunca mais fale comigo daquele jeito. Eu não sou uma prostituta.

Levanto e saio do quarto antes que ele possa falar alguma coisa. Tomo um banho bem quente e demorado, preparo um chá e quando eu volto para cama, Breno já está dormindo.

Passamos o fim de semana bem e não conversamos sobre o que aconteceu. No domingo, nós vamos almoçar na casa dos meus pais e passamos a tarde na casa da mãe dele como sempre fazemos, mas quando eu chego do trabalho na segunda-feira, encontro Breno sentado no sofá com uma sacolinha rosa ao seu lado.

- O que é isso? – pergunto.

- Um presente.

- Breno...

- Você ainda nem viu o que é. Não reclame sem saber se vai gostar ou não.

Sento-me ao seu lado e encontro outra caixinha retangular. Rasgo o papel de presente e vejo dentro dela um bastão pequeno, preto e com a ponta prata.

- É um vibrador – ele diz. – Nós podemos usar no seu clitóris enquanto eu te penetro ou você pode usar sozinha enquanto eu assisto.

- Isso não vai acontecer e nós não vamos mais brigar por isso. Se você aparecer aqui outra vez com um desses presentinhos, eu vou embora e vou levar o seu filho comigo. Eu estou indo me deitar e não quero que você venha atrás de mim. Não vou cozinhar hoje. Peça uma *pizza* se você quiser comer alguma coisa.

- Giulia, querida...

- Chega de “Giulia, querida...”! Acabou! Nós não vamos mais fazer essas coisas e se você não estiver satisfeito, pode ir embora. Volte para a casa da sua mãe e arrume uma vagabunda para fazer essas coisas que você tanto quer.

Viro as costas, entro no quarto e escondo o vibrador no armário.



Passo o mês inteiro recebendo e-mails da Clara com fotos maravilhosas da Grécia. Tenho com certeza que vou adicionar Atenas ao nosso roteiro de férias da aposentadoria. Breno e eu não brigamos mais por causa de sexo e o meu projeto do trabalho está quase pronto, embora ainda falte um mês para a apresentação. Vou ao médico verificar o meu bebê e ele diz que está tudo bem, mesmo eu dizendo para ele que eu tenho me sentido muito cansada.

A noite das meninas desse mês acaba mais cedo, pois a Clara está viajando e é como se faltasse um pedaço de nós. Nós não conseguimos nem brigar e falar mal umas das outras dessa vez. Ficamos revendo as fotos que a Clara nos mandou e pensando se ela está usando os presentes que nós compramos.

No mês seguinte, Clara já está de volta e deprimida outra vez, então, Alice nos convence a ir para a boate no centro que íamos quando estávamos na faculdade para animá-la. Ela voltou de viagem e pelo que a Alice contou, ela se apaixonou por um cara lá que estava mentindo para ela o tempo todo, mas Alice não entrou em detalhes, pois a Clara ainda não quer conversar sobre isso.

Nós fazemos como sempre: sentamos em um bar do lado de fora e um pouco antes de começar o *show*, nós entramos. Nós nos divertíamos muito aqui. Os homens fazem *striptease* e colocam as mulheres no palco para dançar com eles. As meninas sempre subiram no palco, exceto Livia e eu. A Livia nunca quis e eu não subia porque sempre namorei o Breno e isso seria uma falta de respeito.

Assim que acaba o *show*, eu vou embora junto com a Ana e a Livia. Elas me levam de carro até onde eu deixei o meu estacionado e nós conversamos sobre a Clara na curta distância que o motorista de uma delas percorre.

- Ela não parece estar tão mal – diz Livia. – Pelo menos o novo babaca não conseguiu fazer mais estrago que o antigo.

- Eu só espero que ela consiga se recuperar completamente e fique bem de uma vez por todas – diz Ana.

- Eu também – digo. – Obrigada pela carona, meninas. Nos falamos durante a semana.

Dou um beijo em cada uma e saio do carro. Chego em casa exausta e o Breno faz uma massagem nos meus pés.

- Querido... já têm três semanas que nós não... você sabe.

- Você está sempre cansada e eu não quero te cansar ainda mais.
- Mas eu não estou cansada para isso. Nós podemos fazer hoje se você quiser.
- Não... eu também estou muito cansado.
- Você pode fazer só em mim, então? A gravidez me deixa com vontade.
- Não. Mas você pode usar o vibrador que eu te dei há dois meses e você ainda nem tirou da embalagem.

Olho para ele emburrada, tiro meu pé de suas mãos e me deito de costas para ele.

“Era só o que faltava!”

Algumas semanas depois é o dia da minha apresentação no trabalho. Eu fui sorteada para ser a última e logo depois que eu terminasse, as apresentações seriam votadas e o resultado dado no mesmo dia. Assim que termino, todos aplaudem e o comitê sai da sala para definir quem continua na seleção para gerente.

Recebo uma mensagem da Alice e consigo ler antes dos diretores voltarem para dar a resposta.

Preciso falar com você hoje. Posso passar na sua casa depois do trabalho? É urgente!

Os diretores começam a falar, mas eu não consigo me concentrar, pois fico preocupada com a Alice. Quando eles começam a dizer os três nomes que continuam na disputa e o meu é o primeiro deles, mal consigo conter minha alegria!

- Agora vocês vão ter algumas semanas para fazer o trabalho normal de vocês, mas em breve nós voltaremos com o último projeto que vocês três terão que apresentar.

Depois que todos agradecem e se despedem, eu volto para o meu *box* e ligo para a Alice:

- O que houve? Você está bem?
- Calma, Giulia. Não aconteceu nada. É sobre a Clara, mas ela está bem.
- Menos mal, então. Pode ir sim! Mas leva alguma coisa que eu possa beber para comemorar, mas não pode ser chá. Tenho uma surpresa!
- Está bem. Nos vemos mais tarde. Um beijo.
- Beijo.

Quando eu chego à porta do meu prédio vejo Alice junto com um homem muito bonito.

- Oi, amiga! – digo e dou um beijo em seu rosto. – Quem é ele?

Ela começa a falar em Inglês:

- Esse é o Alexandros. O cara que a Clara conheceu na Grécia.

Ele aperta minha mão e diz:

- É um prazer conhecê-la.

Eu apenas sorrio e falo com a Alice em Português:

- O que ele está fazendo aqui? A Clara sabe que você o conhece?

- Não é nada disso, Giulia! Ele veio buscar a Clara e quer a nossa ajuda. Será que nós podemos subir para te mostrar uma coisa?

- A Clara não vai gostar disso, Alice. Você mesma me contou que ele é outro cafajeste.

- Pois é, mas eu não sabia a parte dele da história. Vamos logo com isso que eu não estou ficando mais jovem aqui, Giulia.

- Está bem!

Eu mal posso acreditar em meus olhos quando assisto ao vídeo que eles me mostram. Alexandros não fica muito tempo e depois de me convencer a ajudá-lo, se despede e vai embora. Alice fica, eu conto para ela sobre a minha promoção e ela fica superfeliz.

- E o que você trouxe para a comemoração? – pergunto.

- Para mim champanhe, para você água com gás.

Ela fica comigo até o Breno chegar do trabalho, e ele e eu continuamos sozinhos a comemoração.

No final do mês fazemos a noite das meninas na casa da Alice para contar para a Clara sobre o Alexandros. Ela não fica nada satisfeita e Ana, Livia e eu saímos mais cedo do encontro, pois Alice combinou com o Alexandros que levaria a Clara até ele.

A cada dia que passa, eu me sinto mais e mais cansada, mas outra vez eu falo isso para o meu médico e ele diz que é normal. No meio da semana, Ana me liga animada dizendo que é o aniversário de um amigo nosso da faculdade no sábado, mas como eu realmente não estou me sentindo bem, digo que não poderei ir.

Na segunda-feira nos dão o novo e último projeto no escritório: produtos para animais domésticos. Eu não sou lá muito fã de animais, então esse vai ser um pouco complicado para mim, mas nada que me faça achar que não posso ser melhor do que os outros dois candidatos.

No meio da semana recebo um telefonema da Alice dizendo que está indo para a Grécia e que a Clara vai se casar. Ela me conta os detalhes do que aconteceu na noite da festa do Marcelinho e eu não consigo acreditar. O casamento será daqui a um mês e o Alexandros disponibilizou o avião dele para levar toda a família e as amigas da Clara.

Eu fico instantaneamente animada e assim que chego em casa, conto para o Breno e nós começamos a fazer planos para a viagem, mas temos que esperar a data correta para conseguir uma folga no trabalho.

Quando eu completo cinco meses, meu médico me passa uma bateria de exames para tentar descobrir o motivo de tanto cansaço, mas não encontra nada de errado em meus exames. O encontro com as meninas desse mês é cancelado, já que eu me sinto cada vez pior e Alice e Clara não estão aqui.

Decido que é melhor não ir ao casamento da minha amiga devido à distância, mas Ana e Lívia me mandam várias fotos e vídeos curtos da cerimônia e da festa.

Os tão esperados seis meses de gravidez chegam e meu médico sugere que eu tente reduzir minha carga horária no trabalho, mas eu infelizmente não posso, pois está quase chegando o dia da apresentação do último projeto e eu preciso terminá-lo.

Na noite anterior à apresentação, eu fico muito tensa. Breno me faz uma massagem relaxante, prepara o jantar e nós fazemos amor com calma antes de dormir.

Acordo disposta no dia seguinte, chego mais cedo ao trabalho e começo a preparar minha apresentação, já que dessa vez eu vou ser a primeira. Deixo tudo pronto e volto para o meu *box*. Assim que me sento, sinto uma dor muito forte na barriga e assim que eu consigo respirar melhor, levanto-me para ir ao banheiro, mas minha vizinha de *box* grita:

- Giulia! Você está sangrando!

Capítulo 2

“Quando olhaste bem nos olhos meus e o teu olhar era de adeus, juro que não acreditei. Eu te estranhei, me debrucei sobre teu corpo e duvidei e me arrastei e te arranhei e me agarrei nos teus cabelos, nos teus pelos, teu pijama, nos teus pés, ao pé da cama.”

Atrás da porta – Chico Buarque



Minha vizinha de *box* me leva para o hospital e enquanto estamos no carro, ligo para o Breno:

- Querido, eu estou indo para o hospital.

- Por quê? O que houve?

- Não sei. Eu estou sangrando.

- O quê?

- Eu não sei, Breno! Venha me encontrar!

- Estou indo, querida.

Minha barriga não para de doer e eu não paro de sangrar. Cada vez que eu olho para baixo vejo mais sangue no banco do carro e na minha calça social.

Assim que chegamos ao hospital, os enfermeiros me colocam em uma maca, alguém aplica algo em minha veia e eu apago. Acordo, não sei quanto tempo depois, com Breno ao meu lado em uma cama de hospital.

- Oi, querida – ele diz com os olhos vermelhos e inchados.

- Oi. O que houve? O que eu estou fazendo aqui?

- Você... Nós perdemos o bebê, Giulia.

- O quê?

- Perdemos o bebê. Você não está mais grávida.

- Como assim?

- O médico estava esperando você acordar para vir aqui explicar o que aconteceu. Você quer que eu vá chamá-lo?

- Não.

Tento me controlar, mas não consigo e começo a chorar.

- Não chora, querida – Breno diz. – Não foi sua culpa. Nós vamos fazer outro bebê.

- Mas Breno...

- Sem "mas" ... eu te amo e nós vamos superar isso juntos.

- Promete?

- Prometo.

Logo depois meu médico entra no quarto onde eu estou e me conta o que aconteceu. Aparentemente abortos espontâneos acontecem com bebês que têm má formação genética que não podem ser vistas através do ultrassom e é isso que ele acha que aconteceu, já que eu não me descuidei em nenhum momento.

Não sei como lidar com isso. Alguma coisa de errado aconteceu. Eu estava tomando todos os cuidados recomendados e simplesmente não é possível que meu bebê não fosse perfeito. Prefiro ficar calada a discutir com meu obstetra. Meus pais vêm me visitar, os pais do Breno, Ana e Livia também, mas eu não tenho vontade de falar com ninguém.

Dois dias depois, eu continuo no hospital e o psicólogo da empresa onde eu trabalho vem me ver.

- Como você está se sentindo, Giulia?

- Bem. E o senhor?

Ele olha para mim com uma cara esquisita antes de responder:

- Eu estou bem. Você quer falar sobre o bebê que você perdeu?

- Não.

- Mas você precisa conversar sobre isso. É totalmente normal e não é sua culpa.

- Eu sei. Eu realmente estou bem. Eu só quero voltar para minha casa.

- Está bem. Eu vou te dar alta, mas você não poderá trabalhar durante um mês e irá se consultar comigo uma vez por semana.

- Ótimo.

Breno e o médico saem do quarto, mas eu consigo ouvi-los conversando no corredor:

- Eu sinto muito, mas é normal que elas fiquem assim depois de perderem um bebê, principalmente em uma gravidez tão avançada quanto a dela.

- E o que eu posso fazer para ajudá-la?

- Você vai precisar ser muito paciente e não forçá-la a nada. Alguns dias ela não vai querer nem olhar para você, outros ela vai querer conversar sobre o assunto e você deve acompanhar o ritmo dela. Eu sei que também deve estar sendo difícil para você e por isso também quero vê-lo uma vez por semana, mas não no mesmo dia que ela.

- Está bem.

Breno entra novamente no quarto e diz:

- Nós já podemos voltar para casa, querida. Como você está se sentindo? Dói em algum lugar?

- Não. Eu estou perfeitamente bem. Nós podemos ir.

“O único lugar que dói é o buraco que ficou no lugar do meu coração.”

Passo os três primeiros dias trancada no quarto, no escuro. Só saio para ir ao banheiro e para comer alguma coisa que encontro pronta, pois o Breno não cozinha nada. À noite, ele tenta entrar no quarto para dormir, mas eu não deixo. No quarto dia depois que escuto o Breno saindo para o trabalho, levanto e vou para a sala. A casa está uma bagunça, mas eu não tenho vontade de arrumá-la. Vou para a cozinha, mas também não tenho vontade de preparar nada, então, eu me deito no sofá.

Algumas horas depois meu telefone toca e eu vejo que é a Ana.

- Oi, Giulia. Como você está?

- Bem e você? – ela fica em silêncio por alguns segundos.

- Olha, Lívia e eu passaremos aí para almoçar com você. O que você preparou?

- Nada.

- Como assim nada? Você não está de licença?

- Estou.

- Mas, querida, você gosta tanto de cozinhar... Você não acha que faria bem fazer alguma coisa que você goste?

- Não estou com vontade.

- Tudo bem. Nós levaremos algo. A que horas está bom para você?

- A hora que vocês quiserem.

- Ok. Nos vemos mais tarde. Um beijo.

Continuo na mesma posição de antes não sei durante quanto tempo e só me levanto quando as meninas chegam. Elas me beijam e me abraçam com força e enquanto Ana leva a comida que elas trouxeram para a cozinha, Lívia se senta no sofá comigo.

- Você quer que eu limpe um pouco a casa para você? – ela me pergunta.

- Está suja?

- Não está suja, mas eu sei que você gosta de tudo perfeito.

- Assim está bom. Eu não me importo.

- Eu sei que está sendo difícil, querida, mas você tem que se esforçar. Vai ficar tudo bem. Você é jovem, vai engravidar de novo. Isso acontece com todo mundo.

- Já aconteceu com você?

- Não.

- Então não acontece com todo mundo.

Ana entra na sala antes que a Lívia possa responder e diz:

- Calma. Não vamos brigar. Nós viemos aqui para te alegrar e não para discutir.

- Eu sei – digo.

- Como está o Breno? – Ana pergunta.

- Não sei... Eu não o vejo desde que saí do hospital.

- Cadê ele?

- Está dormindo no outro quarto, eu acho. Eu fiquei todos esses dias trancada em nosso quarto.

- Giulia, você não pode fazer isso – diz Lívia. – O bebê também era dele e ele também deve estar sofrendo. Você tem que apoiá-lo.

- Você está querendo dizer que a culpa foi minha de eu ter perdido o bebê?

- Claro que não – diz Ana. – Mas também não foi culpa dele. Você não pode excluí-lo.

- Bem, a visita de vocês foi excelente, mas acho que já está na hora de vocês irem embora.

- Mas nós nem almoçamos ainda – diz Lívia.

- Eu realmente estou sem fome. Vocês podem levar a comida e fazer isso em outro lugar.

Levanto-me e abro a porta.

- Até logo – digo.

Elas se despedem e vão embora. Eu volto para o sofá e para a minha ausência de pensamentos sobre o que está acontecendo em minha vida. Foi um choque tão grande que eu não sei o que fazer, o que pensar ou como agir.

Breno volta para casa mais cedo do que o normal.

- Que bom que você saiu do quarto! – ele diz ao me ver deitada no sofá.

Ele se senta no chão ao meu lado e continua:

- Como você está?

- Bem.

- Que ótimo! O que você preparou para a janta?

- Nada.

- Querida... Você não pode fazer essas coisas. Quem é que vai cuidar de mim se você continuar assim? – ele diz sorrindo.

- Você sabe que eu não sou sua mãe nem sua empregada, não é?

- É claro que sei... Ninguém nunca cuidou de mim tão bem quanto você. Já faz quase uma semana, Giulia. Já está na hora de você voltar a pensar em nós.

- Eu estive pensando hoje. Será que eu não perdi o bebê por causa daquelas maluquices sexuais que você inventou?

- O quê? – ele me pergunta chocado.

- Não sei... Pode ter sido.

- Não fale um absurdo desses. Nós não fizemos nada de mais e o que fizemos foi há muito tempo. Se fosse por aquelas coisas, você teria perdido o bebê antes.

- Talvez ele não tenha conseguido se desenvolver por causa do líquido daquela bolinha que você colocou em mim. Já pensou nisso?

- Eu não acredito que você esteja tentando me culpar!

Breno se levanta, vai para o quarto que seria o do bebê e bate a porta com força. Eu continuo deitada no sofá da sala até sentir vontade de dormir e vou para o meu quarto.

No dia seguinte é a minha primeira consulta com o psicólogo desde que saí do hospital e completa uma semana que eu perdi meu bebê. Nossa sessão não é muito boa. Ele insiste para que eu fale sobre o bebê e sobre meu relacionamento com o Breno, mas não há nada a ser dito.

Quando Breno chega do trabalho ele me encontra deitada no sofá.

- Querida, não fique triste com o que eu vou te perguntar, mas você tem tomado banho?

- Que diferença isso vai fazer?

- Muita. Você vai se sentir melhor. Deixa eu te ajudar.

Ele me pega no colo e me leva para o banheiro.

- Eu não quero, Breno.

- Mas você precisa. Por favor, Giulia.

- Está bem.

Enquanto a água esquentava, ele tira as nossas roupas. Breno lava os meus cabelos e o meu corpo enquanto eu choro debaixo do chuveiro. Eu sinto como se ele estivesse tirando as últimas lembranças do meu bebê de mim. Ele me abraça e nós choramos juntos.

- Eu quero outro filho, Giulia.

- Não.
- Como não?
- Eu não quero engravidar outra vez.
- Mas eu tenho direito o de ter filhos.
- Sinto muito.

Breno fica em silêncio por alguns segundos.

- Então eu acho melhor adiarmos o casamento. Se nós não termos uma família, eu não vejo a necessidade de casarmos agora.
- Nós não podemos adiar mais. Já adiamos duas vezes por causa do meu cansaço durante a gravidez.
- É adiar ou cancelar – ele diz e sai do *box*.

Passo o fim de semana inteiro trancada no quarto. No domingo de tarde o Breno pergunta se eu vou almoçar na casa da mãe dele como nós sempre fazíamos e eu digo que não, mas ele vai mesmo assim.

Uma nova semana se inicia, mas minha vida continua parada. Minha casa parece um chiqueiro, mas eu não tenho vontade de arrumar, e o que eu como, é o que o Breno traz para o jantar ou encomenda pelo telefone. Nós não comemos nem dormimos juntos e praticamente não nos falamos mais. Na noite anterior a minha segunda consulta com o psicólogo, Breno entra no meu quarto e se deita ao meu lado.

- O que você quer? – pergunto.
- Fazer as pazes.
- Eu sei muito bem o que isso significa, Breno.
- Querida, eu estou com vontade. Amanhã completa duas semanas.
- Bem lembrado. Na noite antes de eu ter perdido o meu bebê você também estava com vontade. Isso é algum tipo de comemoração?
- Você está insinuando que perdeu o bebê porque nós fizemos sexo na noite anterior?
- Eu não estou insinuando. Estou afirmando.
- Pelo amor de Deus, Giulia! O médico falou milhares de vezes que foi um aborto espontâneo. Se alguém causou isso, foi o seu próprio corpo!
- Você está dizendo que a culpa é minha?
- Já chega! Eu não aguento mais isso! Eu estou indo embora!

Vejo Breno se levantando, pegando uma mala e enchendo-o com as roupas dele.

- Você não pode me deixar aqui sozinha!

- Posso sim! Você está me enlouquecendo! Cadê a mulher que eu amava, Giulia? Onde foi que você a escondeu?

- Você não me ama mais?

Ele para de colocar as roupas na mala e se senta ao meu lado.

- É claro que amo. Mas você está me punindo por algo que não é minha culpa. Eu preciso de espaço... de um tempo. Vai ser melhor para nós dois. Quando você estiver se sentindo melhor, eu volto.

- E você vai para onde?

- Para a casa da minha mãe.

Fico em silêncio pensando se isso seria realmente melhor. Breno volta a arrumar suas coisas. Depois de fechar a mala, ele diz:

- Eu venho te ver no domingo.

Breno me dá um beijo na testa e vai embora.

No dia seguinte, conto para o psicólogo o que aconteceu e ele fica feliz por eu ter decidido me abrir com ele. No sábado, eu arrumo um pouco a casa, mesmo sem vontade, pois sei que o Breno virá amanhã. Domingo, eu levanto cedo e preparo a comida preferida dele para o almoço: carne assada. Mas ele só aparece no final da tarde e diz que já almoçou.

- Eu não sabia que você ia cozinhar. Fico feliz que você tenha arrumado a casa. Não está perfeita como antes, mas já é um começo.

Ele me dá um beijo na testa, se senta no sofá e liga a TV. Assim que o jogo de futebol termina, Breno diz:

- Eu já vou, querida.

- Como assim já vai? Nós nem conversamos ainda. Achei que nós iríamos fazer as pazes.

- Como você quer fazer as pazes?

- Como nós sempre fazemos.

- Aí é que está, Giulia. Eu não quero continuar como nós sempre fazíamos. Quero fazer coisas novas e também quero ter um filho. Você já está pronta para uma das duas coisas?

- Não.

- Então nós nos veremos no domingo que vem. Se você mudar de ideia, é só me ligar que eu venho te ver.

Breno me dá outro beijo na testa e vai embora.

“Eu não acredito que ele esteja fazendo isso comigo!”

Na segunda, recebo um telefonema da Alice, que acabou de voltar de viagem, e conto para ela o que aconteceu. Ela vem me visitar e eu finalmente posso me abrir com alguém que eu sei que não vai me julgar. Fico animada quando descubro que vou conhecer o novo cara com quem ela está saindo e quando ele chega a minha casa, vejo o quanto ela é sortuda. Dimitris é simplesmente lindo! Difícil escolher qual dos dois gregos é o melhor, o da Clara ou o da Alice.

Na terça, a Clara me liga da Grécia. Ela ainda está em lua de mel, mas Alice contou para ela que eu estava com um problema e ela quis saber se eu estava bem. Conto para ela rapidamente o que aconteceu.

- Eu sinto tanto, Giulia. Você está precisando de alguma coisa? Quer que eu volte para ficar com você?

- Claro que não! Eu avisei para a Alice que eu não queria arruinar a sua lua de mel. Ela não tinha nada que ter te ligado.

- Ela só ficou preocupada, querida. Não brigue com ela por isso.

- Está bem.

Clara me conta um pouco sobre os lugares que visitou pela Grécia e tudo parece encantador.

Na sexta, quando eu vou ao psicólogo, conto para ele que eu tenho chorado todas as noites pelo bebê, pelo Breno, por mim e que não consigo ser a mesma pessoa que eu era antes.

- Isso é ótimo, Giulia. Você está começando a aceitar a situação. Não se preocupe. Tudo voltará a ser exatamente como era antes.

- Acho que não. No domingo passado, o Breno disse que não quer que a nossa vida sexual continue como era antes.

- E exatamente o que ele quer?

- Ele quer fazer coisas diferentes.

- E você não quer?

- Não. Nós nunca fizemos essas coisas. Eu me sinto uma...

- Uma o quê?

- O senhor sabe.

- Não, eu não sei.

- Uma puta.

“Não acredito que eu falei essa palavra.”

- E por que você se sente assim?

- Eu não sei... O Breno foi o único namorado que eu tive. Nós estamos juntos há muitos anos. Minhas amigas sempre fizeram essas coisas, mas eu nunca.

- E você acha que suas amigas são putas?

- Não... Um pouco.

- Bem, a única coisa que eu posso dizer é que satisfazer seus desejos sexuais ou os do seu parceiro, não vai fazer você perder o seu valor como mulher. Mas você precisa trabalhar isso na sua cabeça. Ninguém vai poder mudar a forma como você pensa a não ser você mesma.

Passo o restante da sexta e o sábado pensando no que o psicólogo me disse e, no fim da tarde, decido ligar para o Breno.

- Está tudo bem, Giulia?

- Sim. É... eu pensei que nós poderíamos fazer algo diferente hoje.

- Jura?

- Acho que sim.

- Que bom, querida! Eu passo aí mais tarde para te buscar para jantar. Pode ser às 21h?

- Pode.

- Ótimo! Eu estou ansioso!

Aproveito o resto do dia para arrumar o quarto. Troco os lençóis, pego algumas velas e as coloco espalhadas pelo cômodo, separo um vestido preto que eu sei que o Breno gosta e como eu não encontro nenhuma *lingerie* sexy como as que a Ana tem, decido surpreendê-lo e ir sem nada.

Eu não sei o que estou fazendo, mas preciso fazer alguma coisa. Quando o Breno abre a porta, eu já estou pronta esperando por ele.

- Uau! Você está linda! – ele me dá um beijo nos lábios.

- Obrigada.

Nós vamos a um restaurante em Ipanema e o Breno me conta sobre o trabalho dele. Não falamos nem uma vez sobre o bebê ou sobre ele ter me deixado sozinha. É como se não tivesse acontecido.

- E quando você voltará ao trabalho? – ele me pergunta.

- Quando o psicólogo me der alta. Teoricamente falta só mais uma consulta.

- Que bom. E o que aconteceu com a promoção?

- Eles adiaram a apresentação. Estão esperando eu voltar para remarcar a data.

- Bom.

Assim que terminamos de jantar voltamos para casa e vamos direto para o quarto. Breno tira a roupa, se deita na cama e eu continuo de pé, ainda vestida.

- O que houve, Giulia? Você não vai desistir, não é?

Tiro o meu vestido e ele vê que eu estou sem calcinha.

- Você estava nua esse tempo todo?

Balanço a cabeça concordando envergonhada. Ele se levanta e me beija com força antes de me jogar em cima da cama. Breno beija meu pescoço, meus seios, minha barriga e antes de chegar a minha vagina, ele para e pergunta:

- Nós podemos fazer qualquer coisa?

- Se não for me machucar...

Ele sorri.

- Eu esperei tanto por isso, Giulia!

Breno volta a beijar minha barriga antes de começar a lamber meu clitóris. Ele abre cada vez mais as minhas pernas e toda vez que eu tento fechá-las, ele não deixa. Eu não entendo o que ele está tentando fazer, mas não consigo sentir prazer. De repente, ele para, enfia o indicador na boca e logo depois em meu ânus.

Por impulso, dou um chute em seu peito e ele cai da cama.

- Desculpe! Você está bem? Foi sem querer.

Eu o ajudo a se levantar e ele se senta na cama.

- Por que você fez isso?

- Não fiz por mal. Eu levei um susto. Desculpe.

- Você disse que nós poderíamos fazer qualquer coisa.

- E como eu iria adivinhar que você ia fazer aquilo? Isso não é normal, Breno!

- É claro que é! Tem um monte de mulher que adora!

- E como você sabe disso? Nós nunca fizemos sexo com outras pessoas!

- Você nunca fez sexo com outra pessoa! Eu fiz!

- O quê?

A dor em meu peito é tão forte que eu chego a sentir falta de ar. Breno passa as mãos pelos cabelos antes de dizer:

- Eu sou homem, Giulia. Você nunca satisfaz os meus desejos. Eu tive que encontrar alguém que fizesse uma vez ou outra.

- Você me traiu? Eu não acredito nisso!

- E o que você queria que eu fizesse? Ficasse insatisfeito para o resto da vida?

- Você nunca me disse que estava insatisfeito!

- E quem é que gosta de fazer sexo em uma posição só, Giulia? Você nem sabe chupar meu pau direito, mesmo depois de todos esses anos.

Não consigo me controlar e começo a chorar.

- Essa noite foi um erro – ele continua. – Na verdade, todos esses anos foram um erro. Nós devíamos ter nos relacionado com outras pessoas.

Ele começa a pegar as roupas do chão e a se vestir.

- Breno... Não vá embora, por favor.

- Não tem mais por que nós ficarmos juntos, Giulia. Você nunca vai me satisfazer como mulher. E agora que você sabe que eu te traí, você vai fazer da minha vida um inferno.

- Não vou. Eu prometo.

Ele começa a sair do quarto e eu seguro seu braço.

- Por favor, Breno, não me deixe aqui sozinha.

Ele tira minha mão de seu corpo e vai para sala. Vou atrás dele e continuo:

- Vamos voltar para a cama. Eu vou deixar você colocar o dedo lá.

- Eu não quero “colocar o dedo lá”. Eu quero colocar o meu pau lá e enquanto eu estiver te fodendo, quero que você diga: “Isso, Breno, come meu cu!”. Você pode fazer isso, Giulia?

Fico em silêncio por alguns segundos antes de responder:

- Não.

- Então acabou.

Ele abre a porta para ir embora.

- Espera, Breno. Amanhã é domingo... A que horas você vai vir?

- Eu não vou vir, Giulia. Acabou... para sempre.

Ele sai e bate a porta. Eu me sento no chão e choro como uma criança durante horas até minhas lágrimas acabarem. Eu dediquei toda a minha vida a ele. Eu nunca sequer pensei em outro homem. Enquanto minhas amigas se divertiam na faculdade, eu voltava mais cedo para casa para ficar com ele. Eu nunca tive os meus próprios planos, nem os meus próprios sonhos. Achei

que nós fossemos um time quando, na verdade, o miserável estava me apunhalando pelas costas.

“Como ele teve coragem de dizer que eu não sei fazer sexo?”

Levanto do chão e vou de cômodo em cômodo tirando todas as coisas dele da minha casa. Entro no quarto do bebê e tiro tudo que nós compramos para ele. Pego a chave do meu carro, desço com todas as coisas, jogo tudo na caçamba de lixo do prédio e vou dirigindo até o bar mais próximo.

Eu nunca fui a um bar sozinha, mas hoje vai ser a primeira vez. Assim que eu me sento, um garçom se aproxima.

- Vai beber alguma coisa?

- Sim, um *chopp*, por favor.

Ele começa a anotar em seu bloquinho e eu o interrompo:

- Melhor... Traga uma caipirinha.

- *Vodka* ou cachaça?

- Cachaça.

“Quem aquele idiota pensa que é?”

Nossa vida sexual nunca foi agitada, mas era boa. Eu gosto de fazer sexo com ele. Ele sempre me fez alcançar o clímax.

“Mas quem garante que ele é o melhor?”

Eu nunca conheci outro, então, é muito fácil achar que o que nós tínhamos era bom.

“E esse tempo todo ele estava me traindo... Chega!”

Penso mais uma vez nas minhas amigas, tudo o que elas fizeram e como se divertiram todos esses anos.

“É exatamente isso que eu vou fazer. Tudo que me der vontade. E quando não der vontade eu invento!”

Termino minha bebida e vou para o apartamento da Alice. Só ela estará acordada a uma hora dessas e ela é a pessoa certa para me ajudar. Chegando lá, o porteiro me avisa que ela saiu com o namorado, mas ele me deixa entrar e esperar. Olho bem para ele e penso se ele poderia ser o segundo homem que eu vou beijar na vida.

“Não... Aí já é demais.”

Subo, sento-me em frente à porta do apartamento da minha amiga e começo a planejar o novo rumo que eu vou dar a minha vida. Não sei quanto tempo se passa quando vejo a porta do elevador se abrindo e Alice correndo em minha direção.

- O que houve? Você está bem?

- Estou bem. Posso entrar?

Dimitris tenta me deixar a sós com ela, mas eu peço que ele fique. Ele vai para a cozinha preparar algo para nós bebermos enquanto eu conto para Alice o que aconteceu. Ela fica revoltada e quando pega o celular para ligar para o Breno, um vibrador cai de sua bolsa. Na mesma hora lembro-me do que o Breno comprou para nós usarmos juntos e eu escondi no armário.

- Não, Alice! Não foi para isso que eu vim aqui. Eu não quero mais ficar com ele. Chega! Eu passei toda a minha vida com ele, eu não me diverti na faculdade como você e as meninas se divertiram... eu nunca fiz sexo com mais ninguém. Isso não existe! Como é que eu posso saber se ele era o melhor, se eu nunca experimentei outro? Eu quero viver a minha vida. Ser livre como você é!

Ela tenta me convencer de que eu não devo fazer isso, mas eu estou decidida.

- Eu sei que você é minha amiga e que quer me proteger, Alice, mas eu vou fazer isso com ou sem a sua ajuda. Eu não vou ficar sentada no meu sofá vendo minha vida passar e é por isso que eu estou aqui. Eu quero fazer sexo com você e com o Dimitris.

Dimitris se assusta e se engasga com sua bebida, cuspidando tudo que estava em sua boca. Ele pede licença e vai para o quarto me deixando outra vez sozinha com a Alice. Eu tento convencê-la de que ela tem que me ajudar, mas ela se recusa a fazer sexo comigo e diz que eu posso fazer só com o Dimitris.

- Está vendo? É assim que eu quero ser!

- Mas você não é assim! Você é romântica, apaixonada... Isso não é você.

- A partir de hoje vai ser!

Vou atrás do Dimitris e o encontro sentado na poltrona que Alice tem no quarto. Sento-me em seu colo, com as pernas abertas de frente para ele, e o beijo. Ele não encosta as mãos em mim, mas retribui o meu beijo. A princípio é estranho. Ele não beija como o Breno, mas não é ruim. Quando não consigo mais respirar, me afasto dele e digo em Inglês:

- Pronto. Comecei! Desculpe, Dimitris! Mas é melhor que seja você do que o senhor João da portaria.

Passo pela Alice, que está parada na porta do quarto, e saio do apartamento.

- Giulia, não faça isso... Fique aqui... Você não pode sair por aí assim...

- Fique tranquila! Eu estou voltando para casa. Amanhã eu te ligo.

Capítulo 3

“Eu não sou mais quem você deixou, amor. Vou à Lapa, decotada, bebo todas, beijo bem. Madrugada, sou da lira. Manhãzinha, de ninguém. Noite alta é meu dia e a orgia é meu bem.”

Beijo sem – Teresa Cristina



Volto para casa e vou direto para o meu armário no quarto. Pego o vibrador, que é muito menor do que o da Alice, e o retiro da embalagem. Levo-o para o banheiro e o lavo na pia com sabonete líquido. Volto para o quarto, tiro minha roupa e me deito na cama, que está desarrumada desde que o Breno foi embora mais cedo. Ligo o vibrador, que tem apenas uma velocidade, e o encosto em um dos meus seios. Sinto choques elétricos indo diretamente para o meu sexo e aos poucos vou descendo o vibrador até encostá-lo em meu clitóris. Tento pensar em algo que me deixe excitada, mas só consigo pensar nas coisas que fazia com o Breno.

Paro tudo, levanto e lavo o vibrador outra vez. Volto para a cama e dessa vez começo a pensar no Dimitris. Ele é bonito, gentil e pelo o que a Alice me contou, seu membro é enorme.

“Membro não, Giulia...”

Encosto mais uma vez o vibrador em meu mamilo e imagino que ele está chupando-o lentamente. Dimitris acaricia minha vagina e lambe meus seios ao mesmo tempo. Coloco o vibrador em meu clitóris e abro bem as pernas para que ele possa me penetrar. Com a mão que está livre, eu acaricio meus mamilos enquanto, na minha imaginação, Dimitris me coloca em cima de seu corpo e eu me sento em seu membro.

“Pau... eu me sento em seu pau.”

Enquanto eu subo e desço pela sua ereção, Dimitris morde o meu pescoço, aperta minhas nádegas, empurra seu pau ainda mais fundo dentro de mim e eu gozo. Abro os olhos e consigo me ver no espelho do armário. Estou ofegante e satisfeita. Uma das minhas mãos está em meu seio esquerdo e a outra está pressionando o vibrador contra o meu clitóris.

“Isso!”

Penso em me levantar e tomar banho, mas decido dormir assim mesmo: molhada com o prazer que eu proporcionei a mim mesma.



No domingo à noite, decido voltar ao mesmo bar de ontem. Depois de algumas caipirinhas, percebo que um homem, que também está sozinho, não para de olhar para mim. Eu aceno para ele e ele vem em minha direção.

- Posso me sentar com você?

- Claro.

- Eu me chamo Matheus e você?

- Giulia.

- Eu estou te observando há algum tempo, Giulia, e percebi que você está sozinha. Você está esperando alguém?

- Não.

- Ótimo – ele sorri. – Então será que nós podemos conversar um pouco?

Matheus é alto, magro, tem os cabelos curtos e um sorriso encantador.

- Com certeza.

Depois de mais uma bebida e de ele me contar sobre o seu trabalho em uma empresa de arquitetura, pergunto:

- Você gostaria de ir até a minha casa? Eu não moro muito longe daqui.

- Eu adoraria.

Nós vamos até o meu apartamento e, antes que eu tenha tempo de oferecer algo para ele beber, Matheus me beija. Seus lábios são macios e seu beijo é molhado. Começo a abrir a camisa dele e ele tira o meu vestido de mangas compridas. Estou usando a melhor calcinha preta que consegui encontrar no meu armário, mas ainda assim acho que ela é grande demais.

Abro sua calça *jeans*, deixando-o nu na sala. Puxo-o pela mão e levo-o até o quarto. Assim que nós sentamos na cama, eu pergunto:

- Você tem uma camisinha?

- Não.

- Não?

- Não... Eu não imaginei que dormiria com alguém hoje. Você não tem uma na sua casa?

- Não, mas tudo bem. Nós podemos fazer outras coisas.

Pego dentro da mesinha de cabeceira o gel que as meninas colocaram na minha bolsa e que eu usei com o Breno. Espalho um pouco do conteúdo em seu pau e digo:

- Eu não sei fazer isso muito bem, mas pode ir me dizendo como gosta e eu faço.

- Tá bom.

Ele se deita na cama e eu começo a masturbá-lo com o gel. Matheus vai me dizendo como ele quer que eu o toque e aos poucos coloca seu pau em minha boca.

- Isso, gata. Engole ele todo.

Faço o que ele pede e ele continua me dizendo como chupá-lo. Minutos depois, ele empurra minha cabeça.

- Assim você vai me fazer gozar, Giulia.

- Eu quero que você... é... goze na minha boca.

“Não acredito que eu falei isso!”

- Tem certeza?

- Tenho.

- Então vem cá.

Matheus coloca mais uma vez o pau em minha boca e dessa vez eu o chupo até ele gozar. Ele geme alto e segura minha cabeça enquanto enche minha boca com seu sêmen. O gosto é esquisito e a consistência não é lá muito agradável, mas eu engulo mesmo assim.

Matheus me puxa para cima e beija minha boca com força.

- Que isso, Giulia! Foi demais! Cadê aquele gel? Eu quero te chupar também.

Entrego o tubo na mão dele e ele espirra o conteúdo em minha vagina. Ele começa a fazer o que prometeu e o jeito que ele faz é completamente diferente do que quando o Breno fazia, mas não é ruim. Ele usa a língua e os dedos ao mesmo tempo e consegue me fazer ter um orgasmo também.

Matheus deita ao meu lado na cama e pergunta:

- Foi bom?

- Foi... foi ótimo.

Ele me abraça e me dá um beijo no rosto. Mais de meia hora depois na mesma posição, eu começo a pensar se ele não vai querer ir embora e decido perguntar:

- Você não tem que trabalhar amanhã?

- Tenho. Por quê? Você quer que eu vá embora? – ele pergunta sorrindo.

- Você não se incomoda? Eu adoraria.

- Sério?

- Sim.

- Uau! É a primeira vez que eu sou expulso da casa de uma mulher.

- Não me entenda mal, é só que eu prefiro dormir até mais tarde e se você ficar aqui, eu terei que levantar cedo – minto.

- Tudo bem. Você vai pelo menos me dar o número do seu telefone?

- Claro.

Obviamente eu dou o número errado para ele. Depois de se despedir, ele vai embora e eu durmo feito uma pedra.

Acordo na manhã seguinte pensando na besteira que fiz em fazer sexo, mesmo que oral, com um desconhecido e sem proteção. Ligo o computador e pesquiso os tipos de doença que podem ser adquiridas dessa forma. Fico bastante assustada quando descubro que grande parte das doenças sexualmente transmissíveis podem ser transmitidas através do sexo oral, inclusive a AIDS. O risco é baixo, principalmente se não houver feridas na boca, mas existe, e isso me faz ir à farmácia depois de tomar café da manhã e comprar vários pacotes de camisinha: com sabor, coloridas, que esquentam, que esfriam e até com texturização.

Volto para casa e fico pensando que o Breno me disse que fez sexo com outras pessoas.

“Será que ele usou camisinha?”

Eu não acredito que ele teve coragem de fazer isso... Ele podia ter trazido uma doença para a nossa casa e eu nunca saberia.

Pego meu celular e ligo para ele.

- O que você quer, Giulia? Nem adianta insistir, nós não vamos voltar.

- E quem disse que eu quero voltar? Quero saber se eu devo ir a um médico ou se você usou camisinha todas as vezes que me traiu.

- O quê?

- Qual foi a parte que você não entendeu, Breno? Eu estou com um pouco de pressa.

- É claro que eu usei camisinha!

- Tem que certeza que você não está mentindo para mim de novo?

- Absoluta.

- Ótimo! Obrigada! Tenha um bom dia.

- Mas, Giulia...

Desligo o telefone antes que ele tenha a oportunidade de continuar. Logo em seguida, ligo para o consultório do meu psicólogo e remarco nossa última sessão para quarta e não sexta. Depois volto para o computador e começo a pesquisar lugares para sair durante a semana.

É claro que eu sempre saí com o Breno e com as meninas, mas o que eu procuro é um lugar para conhecer pessoas novas e não apenas um bar ou restaurante.

Aproveito o dia para limpar a casa, não como eu fazia antes, mas não posso continuar vivendo nessa sujeira, principalmente agora que decidi ter novos amigos. Verifico a geladeira e a dispensa e vejo que não há praticamente nada.

Penso em ligar para Ana para pedir para ela ir ao *shopping* comigo para comprar calcinhas novas, mas decido fazer isso sozinha e começar aos poucos. Vou à loja que ela costuma ir e compro três conjuntos de calcinha e sutiã e mais cinco calcinhas. De lá, vou ao mercado para abastecer a casa. Lembro-me da lista de compras que eu fazia, onde tudo que eu cozinhava levava no mínimo três horas para ficar pronto, e preparo mentalmente refeições rápidas com ingredientes prontos.

No dia seguinte, encontro em minhas pesquisas um *show* que me interessa na Lapa. Eu sempre adorei MPB e acho que vou gostar dessa cantora pelo repertório que li na internet.

Depois de tomar banho e escolher o conjunto de calcinha e sutiã vermelho, tento encontrar uma roupa adequada e percebo que não tenho. Todas as minhas roupas são sociais ou recatadas demais.

“Preciso voltar ao *shopping*.”

Agora não dá mais tempo... Pego uma blusa preta bem comprida, visto e olho no espelho.

“Até que parece um vestido... curto... mas um vestido.”

- É com isso mesmo que eu vou.

Deixo meu carro na garagem e pego um táxi. Chego ao bar antes do *show* começar e me sento em uma das mesas perto do palco. O lugar não está cheio e era de se esperar, já que hoje ainda é terça-feira. Tomo um *chopp* e antes que eu possa pedir o segundo, o garçom coloca outro copo em minha mesa.

- O senhor sentado naquela mesa pediu que eu trouxesse para você – ele diz.

Olho para ver a pessoa que mandou e fico impressionada.

“Ele é lindo!”

Moreno, corpo forte e está com uma camisa social com as mangas enroladas até o meio dos braços.

Levanto meu copo em sua direção e nós brindamos à distância, mas logo depois ele se levanta e vem até a minha mesa.

- Posso me sentar aqui?

- Pode. Eu sou a Giulia – estico minha mão para ele e ele me cumprimenta.

- Eu sou o Cláudio.

Nós conversamos até o *show* começar, falamos sobre as nossas vidas e sobre o fato de ele vir para esse bar todos os dias depois do trabalho antes de voltar para casa. Assim que a cantora sobe ao palco, nós nos levantamos para dançar e no primeiro intervalo, ele me diz que vai embora.

- Foi muito bom conhecer você, Giulia, mas eu preciso ir. Amanhã tenho que levantar cedo para ir trabalhar.

- Você gostaria de ir até a minha casa e tomar um último *drink*?

Ele entende exatamente o que eu quero dizer.

- Eu adoraria.

Nós saímos do bar e vamos no carro dele até o meu apartamento. Cláudio começa a me beijar e a tirar a minha roupa ainda no elevador e assim que entramos na minha casa, eu o levo para o quarto. Cláudio me deita na cama e beija todo o meu corpo até os dedos do pé. Ele termina de tirar sua roupa e se deita ao meu lado.

- Quero te avisar, antes mesmo de nós começarmos com isso, que eu não vou dormir aqui e que isso não vai virar um namoro.

- Melhor ainda.

- Tem certeza? – ele pergunta desconfiado.

- Tenho.

Ele me beija e fica de joelhos na cama.

- E o que você quer fazer?

Fico em silêncio por alguns segundos tentando encontrar as palavras adequadas.

- Quero que você me foda e me faça gozar várias vezes.

“Ai, meu Deus! Eu falei isso?”

- Ah, Giulia – ele belisca meus mamilos –... eu vou fazer.

Sento-me na cama, pego a bolinha vermelha e uma camisinha na cômoda ao lado da cama. Quando estou a ponto de entregar tudo para ele, decido que eu mesma vou colocar a bolinha em mim e entrego apenas a camisinha.

Eu nunca fiz sexo de camisinha e nunca tinha visto um homem colocando uma. Na escola nós aprendemos a técnica e treinamos em cenouras, mas pessoalmente é novidade para mim. Fico observando e tentando aprender como colocar uma enquanto Cláudio a desliza por seu pênis.

Assim que ele termina, eu sorrio, me deito na cama, abro bem as pernas e aos poucos enfio a bolinha dentro de mim.

- Você é muito gostosa, sabia?

“Sou?”

Quando Cláudio está montando sobre mim eu digo:

- Espera! Eu prefiro em outra posição.

Saio de baixo dele e fico de quatro na cama. Olho para trás e vejo que ele está de boca aberta olhando para mim. Cláudio dá um tapa em minha bunda e diz:

- Caralho, Giulia! Eu vou gozar muito!

Assim que ele me penetra, eu sinto a bolinha estourando e o líquido envolvendo meu interior. Tudo fica mais quente e mais sensível, e por mais que seu pau seja maior e mais grosso que o do Breno e que o do cara que eu conheci no domingo, eu não consigo senti-lo direito por causa da camisinha e logo de primeira, sinto que nós não seremos amigas, mas que teremos que suportar uma a outra.

- Cláudio, eu preciso que você me toque.

No mesmo instante ele passa a acariciar o meu clitóris com uma mão e a apertar minha bunda com a outra.

- Mais rápido – digo.

Ele aumenta o ritmo e eu sinto meu ventre se contorcendo de prazer.

- Assim?

- Isso! Não para que eu vou gozar.

- Vai, safada! Goza no meu pau.

Ele dá um tapa em minha bunda e eu chego ao orgasmo de forma violenta. Nunca havia sido tão forte e longo como esse. Cláudio me penetra com mais força e eu o ouço gemendo.

Caímos os dois deitados na cama e levamos algum tempo até conseguirmos respirar normalmente de novo.

- Você foi incrível – ele diz e dá um longo beijo em meus lábios.

Vejo-o se ajeitando na cama e colocando a cabeça no travesseiro.

- Acho melhor você ir... Sei que você tem que trabalhar amanhã cedo.

- Pensando bem, eu posso ficar aqui e ir direto para o trabalho.

- Não vai dar mesmo, Cláudio.

- Você não gostou? Não quer fazer amanhã de manhã de novo.

- Eu adoraria fazer outra vez. Mas não amanhã de manhã. Eu tenho uma consulta com meu médico amanhã. Faça o seguinte: me dê o número do seu telefone e eu te ligo para nós combinarmos alguma coisa.

- Está bem.

Ele me fala o número e eu anoto no meu celular. Eu realmente gostei dele e pretendo sair com ele mais vezes.

- E o seu número? – ele pergunta.

- Você não precisa do meu número. Eu vou te ligar.

- Promete?

- Prometo. Agora, eu vou deixar você se vestir e voltar para sua casa. Foi ótimo te conhecer – dou um beijinho em seus lábios. – Eu vou tomar banho, mas você não precisa me esperar. Só bata a porta quando você sair.

Vou para o banheiro e tomo um banho quente e demorado. Quando volto para o quarto, Cláudio não está mais lá, mas deixou um bilhete em cima da minha cômoda.

Por favor, não deixe de me ligar. Quero muito te ver de novo!

Na manhã seguinte vou ao psicólogo e assim que ele pergunta como estão as coisas, eu digo:

- O Breno terminou comigo.

- Eu soube e sinto muito, Giulia.

- Ah, obrigada, mas não sinta. Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida! O senhor acredita que eu já fiz sexo com outros dois homens e foi muito melhor do que com ele?

- O quê?

Ele arregala os olhos para mim

- Pois é... Ele terminou comigo, eu implorei para ele ficar, ele me humilhou e me deixou sozinha. Aí eu decidi mudar de vida completamente e viver tudo que eu ainda não vivi... E está sendo ótimo!

- E o bebê? Como você se sente quanto a isso?

- Se eu não tivesse perdido o bebê, nada disso teria acontecido, não é mesmo?

- Você entende o que está fazendo, Giulia? Você não está solucionando os problemas, você está escondendo eles em algum lugar dentro de você e fingindo que nada de ruim aconteceu.

- Eu sei que essas coisas foram ruins, doutor Ricardo, mas olhe quantas coisas boas elas me trouxeram!

Ele fica me olhando de boca aberta e eu continuo:

- Hoje é o nosso último dia... Quando eu vou poder voltar para o meu trabalho? Amanhã mesmo ou só na segunda?

- Você não vai poder voltar ainda. Eu vou ter que renovar a sua licença por mais um mês e você não vai voltar enquanto não aceitar o fato de que o que você está fazendo é errado e que você precisa consertar a sua vida e não ser outra pessoa. Eu vou ligar para a empresa e avisar que você não está liberada.

- O senhor é quem sabe.

Eu achei que ele fosse ficar contente por eu estar dando um jeito na minha vida, mas pelo contrário, ele apenas reclama durante a hora inteira da minha sessão.

Quando eu saio do consultório, recebo uma ligação da Lívia dizendo que elas combinaram de fazer a noite das meninas lá em casa. Passo no mercado e compro algumas coisas prontas para servir, pois eu não estou com a menor vontade de preparar nada. Volto para casa e descanso o resto da tarde.

Acordo assustada no meio de um sonho terrível onde eu estava com o meu bebê e o Breno em um parque. Meu coração dói e eu começo a chorar, mas não por muito tempo, pois eu me levanto, tomo um banho e resolvo ir para o mesmo bar que tenho ido na Tijuca.

“Eu não vou ficar aqui sofrendo.”

Começo tomando um *chopp*, depois uma caipirinha, depois uma taça de vinho e quando eu acordo no meio da tarde do dia seguinte com uma dor de cabeça terrível, vejo que tem um homem deitado ao meu lado.

“Putá merda!”

Eu não lembro nada do que aconteceu por mais que eu me esforce. Saio da cama e vou até a cozinha tomar um remédio. Começo a preparar um café forte e escuto:

- Boa tarde!

Olho para o rapaz nu na minha cozinha e respondo sorrindo:

- Boa tarde. Quer um café?

Não sei mais o que falar para ele, nem sei se chegamos a conversar na noite passada. Ele se aproxima, me abraça e me dá um beijo.

- Você me deixou louco ontem, Giulia.

- É mesmo? Em qual parte?

- Na única parte. Depois você pegou no sono, mas antes você prometeu que nós continuaríamos hoje.

“Oh, senhor...”

- Eu adoraria continuar hoje. Mas me diz o que você mais gostou para ver se eu posso repetir hoje.

- Eu gostei de tudo.

- Sei... Que bom então.

O café fica pronto e nós ficamos em silêncio por alguns minutos.

- Então... Você não tem que ir trabalhar ou algo do tipo? – pergunto.

- Não. Hoje é meu dia de folga.

- Que maravilha – digo desanimada, mas sorrindo.

- Por que você não toma um banho e relaxa enquanto eu peço algo para nós comermos? Depois nós podemos voltar para o quarto – ele diz e pisca um olho para mim.

- É uma excelente ideia. Eu estou faminta.

Termino meu café e vou tomar banho. Demoro o máximo que posso e aproveito para pensar nas merdas que ando fazendo. Pelo menos aprendi duas coisas: sempre ter camisinha e não beber a consciência. Se os meus pais imaginassem uma coisa dessas, eles morreriam de desgosto. Sou retirada dos meus pensamentos por uma batida na porta acompanhada pela frase:

- A comida já chegou!

Saio do banho e vejo que ele pediu comida chinesa. Eu simplesmente odeio, mas como mesmo assim. Quando terminamos, o rapaz pede para tomar banho e eu dou uma toalha a ele. Eu vou para o quarto e pouco tempo depois, ele entra completamente nu. Olho para o relógio na mesinha de cabeceira e digo:

- Poxa... Infelizmente nós vamos ter que adiar a nossa continuação. Eu tenho um encontro hoje com as minhas amigas e elas já devem estar chegando.

- Não... Hoje, você não escapa. Nem que seja rapidinho.

- Pois é... Mas teria que ser muito rapidinho e aí não vai ser tão bom quanto ontem.

- Não tem problema. Nós podemos pular a parte que você dançou e que se masturbou para mim e nós podemos ir logo para o final.

“O quê?”

- Eu fiz isso, não fiz? É... foi bom... – digo sem saber onde enfiar minha cara.

- Foi incrível!

- Bom... Então vamos logo com isso, pois está ficando tarde.

Ele se joga em cima de mim na cama e começa a lambar todo o meu corpo. Lamber é pouco, ele baba cada pedaço de mim antes de segurar seu membro próximo a minha entrada.

- Espera! Nós precisamos colocar uma camisinha.

- Ah não, gata. Vamos fazer sem.

- Não.

- Por favor... Vai ser tão gostoso. Só um pouquinho...

- Não.

- O que é isso, Giulia? Você estava tão livre e à vontade ontem e agora está de palhaçada?

- Nós fizemos sexo sem camisinha ontem?

- Não. Nós nem fizemos nada. Você dormiu.

- Então pronto. Eu não vou falar outra vez, se você quiser continuar com isso, coloque a camisinha.

- Está bem. Que saco!

Eu pego um preservativo e dou a ele. Depois de colocá-lo, ele me penetra e é como se nada estivesse acontecendo, apenas um vai e vem sem graça enquanto ele continua lambendo as partes que ele alcança do meu corpo. Não sei o que é pior: se é quando ele está me lambendo ou se quando está fazendo esses barulhos esquisitos como se estivesse uivando.

“Deus me livre!”

- Está gostoso, não está? Ai que delícia! – ele diz.

- É... está inacreditável...

Nós permanecemos assim durante longos e intermináveis minutos até ele gozar, mas quando eu confiro no relógio, vejo que foram apenas três.

Ele sai de cima de mim e respira ofegante ao meu lado.

- Eu sinto muito, mas você realmente precisa ir embora.

- Tudo bem. Ui! Você é demais! Nós precisamos nos encontrar de novo – ele começa a se vestir. – Qual o número do seu telefone? Eu te ligo no fim de semana.

Dou o número errado para ele e, assim que ele está pronto, eu o levo na portaria. Ele ainda insiste em ficar conversando e quando eu vejo a Alice se aproximando, eu o beijo e digo antes de empurrá-lo:

- Me liga mesmo, hein?

- Pode deixar, gata.

Alice já chega tomando conta da minha vida e chamando minha atenção, mas a única coisa que eu preciso agora é tomar outro banho para tirar a saliva daquele louco do meu corpo, então, eu a deixo falar o que quiser. Ana e Lívia chegam um pouco mais tarde e para a nossa surpresa, Clara também aparece. Ela nos traz presentes lindos e nos conta sobre a lua de mel, mas no fim das contas nós brigamos de novo. Dessa vez porque elas se recusam a me ajudar a viver a minha vida da forma que eu quero. Eu vou para o meu quarto e tranco a porta, mas dez minutos depois, Lívia me chama:

- Giulia, por favor, saia daí. Nós não queremos brigar. Venha, vamos conversar.

- Querida, nós só queremos o que for melhor para você – diz Ana. – E se você acha que isso é o melhor, nós iremos te ajudar.

Abro a porta e Ana me abraça antes de continuar:

- Não precisa chorar... O que você quer fazer?

Nós voltamos para a sala e nos sentamos no sofá.

- Eu não sei... Eu quero ser como vocês eram. Viver tudo que eu não vivi porque estava com o idiota do Breno aquele tempo todo. Descobrir do que eu realmente gosto. Vocês já sabem. Você, por exemplo, gosta de apanhar – digo para Lívia.

- Não fale assim que você me magoa, Giulia. Eu não gosto de apanhar. Se alguém na rua me bater, eu não vou gostar. Você não sabe nada sobre esse mundo e sua visão é distorcida como a da maioria das pessoas que julgam sem conhecer.

- E é justamente isso que eu estou falando. Eu quero conhecer. Como eu posso saber se eu gosto ou não?

- Está bem. Eu vou falar com o Cadu para ver se ele tem algum amigo procurando uma submissa. Mas isso é um compromisso, não é apenas uma noite. Você precisa aprender. Tem certeza que você quer isso?

- Tenho. E por que você só o chama de Cadu quando ele não está por perto?

- É uma das regras dele.

- Mas vocês são casados...

- Não interessa. As regras existem para serem seguidas. E eu o chamo de Cadu de vez em quando – ela sorri.

- Quando?

- Quando eu quero que ele me puna e ele não quer.

Fico horrorizada.

- Você é maluca, sabia?

- É por isso que você precisa aprender. Eu não sou maluca, sou submissa e, na verdade, quem tem todo o poder sou eu. Sou eu quem decide que horas parar ou continuar, sou eu quem decide aceitar ou não as regras que ele criou e sou eu quem decide obedecer ou não e ser punida por isso – ela continua sorrindo como se fosse a coisa mais natural do mundo.

- Não existe o meio termo? Tipo, algum amigo dele me amarra, me bate um pouquinho e ficamos por isso mesmo?

- Esse não é o tipo de relacionamento entre um dominador e uma submissa, mas eu vou ver com ele se ele conhece alguém que possa te mostrar apenas por uma noite.

- Obrigada – dou um abraço apertado nela e me dirijo à Ana. – E você? Qual a sua especialidade? Ah é... roubar o marido dos outros.

- Giulia!

- Estou brincando. Eu sei que não foi bem assim, mas que ele largou a mulher para ficar com você, ele largou.

- É, largou, mas você lembra que o casamento deles não era de verdade? – balanço a cabeça concordando. – Lembra o quanto eu sofri quando eu descobri que era uma destruidora de lares?

- Lembro.

- Então, por favor, pare de falar essas coisas.

- Desculpe.

- Tudo bem. O que eu posso fazer para te ajudar?

- Você pode ir comigo comprar algumas daquelas roupas bonitas que você usa para fazer sexo.

Por incrível, que pareça nós conseguimos recuperar a noite e nos divertimos até a hora que elas vão embora.

Na tarde de sexta, decido que tenho que ir a uma casa *swing* e começo a pesquisar na internet o que é necessário para entrar em uma. Pesquiso a única que eu conheço, que é a que a Alice frequenta, e no site eles dizem que as sextas você só pode entrar se for um casal heterossexual ou duas mulheres. Penso nas minhas opções e como eu tenho certeza que a Alice não vai querer ir comigo, ligo para o Cláudio, o convidado e ele aceita na hora. Passo a pesquisar, então, o que é feito em uma casa como essa e leio que tudo é permitido, desde que você queira e esteja em uma das salas privadas.

Eu sei que a Alice faz sexo com outras mulheres, por mais que não seja a prática preferida dela, mas como se faz sexo com uma mulher? O Breno disse que eu não sei fazer nem com homens... Começo a pesquisar e o que eu entendo é: faça o que você gostaria que fizessem em você.

À noite, Cláudio me busca para jantar e nós temos a infelicidade de encontrar o Breno e os amigos dele no restaurante.

- Ai, meu Deus! – digo e abaixo a cabeça.

- O que houve?

- Meu ex-namorado está logo ali.

Cláudio olha para trás e Breno nos vê.

- Você quer ir embora? – ele pergunta.

Penso por alguns segundos.

- Não. Tudo bem.

Cláudio ri.

- Você quer que finja que sou seu novo namorado para deixá-lo com ciúme?

- Não. Eu não devo satisfação da minha vida para ele.

- Quer que eu finja que sou só um amigo?

- Eu não quero que você finja nada. Quero que você seja o que é.

- E o que eu sou?

- Alguém com quem eu estou me divertindo e que não quer um relacionamento sério, nem dormir na minha casa.

- Eu falei isso, não é?

Eu sorrio.

- Falou. Mas por mim está ótimo. Eu não preciso de drama na minha vida agora.

- E o que aconteceu com ele?

Penso em mentir, mas decido falar a verdade:

- Nós estávamos juntos desde o colégio, morávamos juntos, íamos casar e eu estava grávida, mas eu perdi o bebê e ele não quis mais ficar comigo, pois eu não o satisfazia sexualmente.

- Ele é louco? Eu não vejo como uma mulher como você pode não satisfazer um homem.

- Obrigada – eu seguro sua mão.

- Não tem por que agradecer, é verdade. E... eu sinto muito pelo bebê.

- Tudo bem. Eu estou bem.

Nós pedimos o jantar e começamos a conversar sobre o que esperar da noite.

- E você sempre vai nessa boate? – ele me pergunta.

- Não, é a primeira vez. Uma amiga minha é quem vai sempre lá.

- Eu também não conhecia. E por que você me convidou?

- Porque eu gostei de você e porque não se pode entrar desacompanhado hoje.

Ele dá uma gargalhada.

- Você nunca vai mentir para me agradar, vai?

- Nunca.

- Gosto disso – ele dá um beijo em minha mão.

Depois de comermos e pedirmos a conta, tenho o desprazer de ver o Breno se dirigindo a nossa mesa.

- Giulia – ele diz.

- Breno.

Ficamos em silêncio enquanto ele analisa o Cláudio.

- E você? – Breno pergunta.

- Cláudio.

- Mais alguma coisa, Breno? – pergunto.

- Sim... É... Será que eu poderia falar com você a sós?

O garçom chega com a conta e a entrega ao Cláudio.

- Na verdade não. Nós estamos de saída e não podemos nos atrasar se não a casa de *swing* fica cheia e eles não deixam mais ninguém entrar – Cláudio diz.

Breno fica estarecido olhando para ele e me pergunta:

- Ele está brincando, não está?

- Não.

Cláudio paga a conta, se levanta e me ajuda a levantar.

- Eu posso te ligar amanhã, então? – Breno me pergunta.

- Melhor não.

Aceno de longe para ele e nós saímos do restaurante. Assim que entramos no carro, Cláudio diz:

- Desculpe, Giulia, mas eu queria muito ver aquela expressão na cara dele.

- Tudo bem. Foi engraçado.

Ele me dá um beijo nos lábios e nós saímos do estacionamento.

Chegamos à boate e conseguimos uma mesa. O lugar já está cheio e me parece uma boate normal, e não o que eu imaginei que seria uma casa de *swing*, mas pelo o que eu li, as coisas só acontecem mesmo nas salas atrás das cortinas.

Surpreendo-me quando ouço alguém chamando meu nome e vejo Alice e Dimitris na boate. Ela começa a discutir comigo, mas eu consigo convencê-la a me deixar em paz e a ficar comigo em uma das salas, mesmo sem me tocar. Nós continuamos na parte da boate onde não se pode fazer sexo durante mais algum tempo e o Dimitris volta do banheiro com uma mulher muito bonita chamada Fernanda. Todos concordam que ela participe conosco e eu fico ainda mais empolgada por poder colocar a minha pesquisa em prática, já que a Alice não vai me deixar fazer nada com ela.

Assim que entramos em uma das salas, eu fico surpresa. Não imaginei que seria assim. O lugar é espaçoso e pouco iluminado. Tem uma cama enorme, sofás, poltronas, cadeiras, algumas mesinhas e um bar com garrafas de todos os tipos de bebidas e um frigobar.

Enquanto Cláudio pega uma bebida, eu levo a Fernanda para um dos sofás e dou um beijo nela. Achei que seria esquisito, mas é um beijo como outro qualquer, apenas mais delicado. Beijo seu pescoço, abaixo a alça de seu vestido e vejo que ela não está usando sutiã.

“Eu não estava preparada para isso.”

Eu nunca lambi ou chupei nem o meu próprio seio, mas eu sei como eu gosto que façam e resolvo fazer o mesmo. Fernanda aos poucos vai ficando ofegante e começa a tirar a minha roupa. Vejo Alice e Dimitris indo para a cama e me levanto para me aproximar deles. Cláudio se senta em meu lugar e beija a Fernanda.

Eu tento beijar o Dimitris, mas ele só deixa depois que a Alice concorda. Está na hora de continuar e eu acho melhor fazer isso com a minha amiga, por mais que ela não queira, do que com uma estranha. Enquanto Dimitris penetra Alice com força eu coloco meu corpo sobre o dela e lambo seu clitóris. Dimitris diminui a velocidade e eu passo a lambar seu membro também.

Alice, depois de tentar me impedir, puxa meu corpo para baixo e começa a me chupar também. A princípio é muito esquisito ter uma das minhas melhores amigas fazendo isso, mas eu me deixo levar e, poucos minutos depois, eu chego ao clímax.

Cláudio e Fernanda vêm para a cama e, como ele já está com uma camisinha, eu chupo seu pau. Levo um susto quando sinto as mãos da Fernanda separando minhas nádegas e colocando a língua em meu ânus. Ela acaricia meu clitóris ao mesmo tempo e a sensação é indescritível. Rapidamente eu gozo outra vez.

Quando vejo Dimitris gozando sobre o corpo da Alice, sinto meu ventre pegando fogo. Eu nunca havia visto nada tão excitante. Tenho vontade de sentir o gosto dele, para saber se é igual ao do Matheus, e lambo seu sêmen do corpo da Alice, que me repreende, mas eu sei que ela faz exames de sangue frequentes e que os parceiros dela também, por isso não me preocupo.

A cor, o gosto e a textura são completamente diferentes, o que me leva a pensar que cada um deve ter o seu. Eu chupo seu pau por um tempo, mas logo depois ele me coloca de quatro e me penetra. É bom e eu me sinto completamente preenchida, mas não consigo chegar ao orgasmo. Acho que Alice percebe isso e pede para ele parar e me chupar. É aí que eu perco a cabeça!

Dimitris faz alguma coisa com a língua que eu não sei o que é, mas é maravilhoso e eu gozo em segundos. Nós continuamos todos juntos por mais um tempo, mas depois Alice e Dimitris vão embora.

Cláudio coloca a Fernanda sentada de pernas abertas em uma poltrona, me coloca ajoelhada no chão de frente para ela e me penetra por trás. Eu começo a chupá-la e seu gosto também é diferente do da Alice. Cláudio coloca a mão entra as minhas pernas e massageia o meu clitóris. Eu nunca imaginei que faria uma coisa dessas, mas estou me divertindo como nunca.

Assim que eu chego ao orgasmo, ele troca de camisinha e se deita na cama.

- Giulia, quero que você chupe minhas bolas enquanto eu como a Fernanda.

- Como?

- Tente tudo que você quiser. Eu vou te dizer quando estiver bom.

Nós duas vamos para a cama e eu fico entre as pernas dele. Fernanda se posiciona acima de Cláudio, com as pernas abertas de frente para mim. Eu seguro o pau dele, separo os lábios vaginais dela e faço com que seu membro a penetre. Abaixo-me e começo a fazer o que ele pediu. Lambo uma de cada vez, as duas ao mesmo tempo, mas ele só diz algo quando eu enfio uma delas em minha boca e a chupo, rodeando-a com a minha língua.

- Isso! Assim! – ele diz ofegante.

Faço a mesma coisa com a outra e ouço um gemido rouco de prazer. Cláudio tira Fernanda do seu colo, tira a camisinha cheia com o seu esperma e me diz:

- Vem cá.

Eu me sento ao seu lado e ele me beija antes de continuar:

- Nunca mais permita que alguém diga que você não sabe fazer sexo, pois é mentira. Você é maravilhosa!

Cláudio me leva para casa, pede para passar a noite comigo e eu digo que sim. Nós tomamos banho juntos enquanto conversamos sobre o que aconteceu e depois vamos para minha cama dormir.



Um mês mais tarde e muitos homens depois, vou à Lapa em uma sexta-feira. Sento-me em um dos bares lotados da Avenida Mem de Sá e começo a procurar quem será meu acompanhante de hoje. Alguns *chopps* depois, vejo um moreno, com músculos levemente definidos entrando no bar acompanhado por uma jovem, também muito bonita. Decido que vou ficar com ele hoje e que nós teremos que arrumar um jeito de dispensá-la. Fico observando os dois de longe e, vez ou outra, vejo que ele olha para mim.

A cada minuto que passa, eu o desejo mais e mais e quando ele se levanta para ir ao banheiro, que fica no segundo andar, eu vou atrás dele. Entro no banheiro masculino e o vejo usando um dos mictórios. Ele vê que eu entro, mas não tenta se esconder. Eu me aproximo e vejo pela marca em seu corpo que ele não é moreno, mas que está muito bronzeado, o que me excita ainda mais. Seu membro é longo e grosso e ele só o coloca de volta dentro da calça depois que termina o que veio fazer.

- Posso te ajudar? – ele pergunta.

Eu sorrio, passo a língua pelos lábios e respondo enquanto o empurro até a parede mais próxima:

- Eu espero que sim.

Fico na ponta dos pés e coloco meu nariz em seu pescoço. Seu cheiro é incrível.

- Eu quero você na minha cama hoje, mas você vai ter que se livrar da sua namoradinha.

Ele abre um sorriso malicioso.

- Acho que posso fazer isso.

- Ótimo.

Eu o beijo durante longos segundos antes de continuar:

- Estarei na minha mesa te esperando. Qual é o seu nome?

- Filippo.